



ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Eng LEONARDO MACHADO PIMENTEL

**O deslocamento de contingentes populacionais
oriundos de conflitos ocorridos no século XXI nos
países do Oriente Médio.**



Rio de Janeiro
2022



Maj Eng LEONARDO MACHADO PIMENTEL

O deslocamento de contingentes populacionais oriundos de conflitos ocorridos no século XXI nos países do Oriente Médio.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Orientador: TC Inf Leonardo **Kuwabara**

Rio de Janeiro

2022

P644d Pimentel, Leonardo Machado

O deslocamento de contingentes populacionais oriundos de conflitos ocorridos no século XXI nos países do Oriente Médio./ Leonardo Machado Pimentel.—2022.

73f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Leonardo Kuwabara

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares)—Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2022.

Bibliografia: f. 68 - 73

.

Maj Eng LEONARDO MACHADO PIMENTEL

O deslocamento de contingentes populacionais oriundos de conflitos ocorridos no século XXI nos países do Oriente Médio.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências Militares, com ênfase em Defesa.

Aprovado em 29 de outubro de 2022

BANCA EXAMINADORA

LEONARDO KUWABARA – TC – Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

HEBERT CÁSSIO GUIMARÃES FONSECA – TC – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

RÔMULO TORRES RAMIRO – TC- Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar necessito me desculpar com aqueles que, por ventura, não estejam presentes nestes agradecimentos, mas, que tenham igualmente me auxiliado nesta empreitada, todos que estiveram comigo nestes últimos meses foram de grande importância para que este trabalho ganhasse forma.

Iniciarei, então, meus agradecimentos agradecendo ao Corpo Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências Militares da Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME) na figura do Instituto Meira Mattos e, conseqüentemente, todos aqueles que fazem parte do programa pela possibilidade de realização da pesquisa e por todo auxílio a mim dedicado.

Reservo um agradecimento especial Sr TC Inf Leonardo **Kuwabara** meu distinto orientador, pela disponibilidade e indispensável auxílio para que este trabalho fosse construído, com competentes críticas e sugestões em uma fase fundamental para a elaboração da pesquisa. Acredito que esta pesquisa teria sido inviável sem seu auxílio e dedicação. Muito obrigado.

Por fim, agradeço a Deus, minha família nas pessoas de minha esposa Camila e dos meus filhos Beatriz e Alexandre pelo apoio e paciência que me dedicaram e me dedicam sempre. A todos que estiveram ao meu lado, meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

No cenário do século XXI, o quantitativo de migrações em todo o mundo e especialmente oriundo do Oriente Médio vem crescendo na última década, e assim, também aumentaram os pedidos de refúgio. Desde o final da Segunda Grande Guerra Mundial, não se observava um número tão grande de migrantes em destino. Conforme com o relatório “International Migration Report 2017” da ONU, estima-se que até o ano de 2017, a cifra cresceu 49% em relação a 2000, chegando a 258 milhões de pessoas.

À medida que os números aumentam, instala-se no seio dos países limítrofes aos centros de conflitos do Oriente Médio bem como em continentes bem próximos, como o europeu, uma certa dose receio político e social. Os impactos deste intenso deslocamento populacional refletem discussões no cenário internacional da atualidade.

O processo de migração internacional pode ser desencadeado por inúmeros fatores: em consequência de desastres ambientais, guerras, perseguições políticas, étnicas ou culturais, causas relacionadas a estudos, busca de trabalho e melhores condições de vida, entre outros. Particularmente no que tange a essa porção da Ásia próxima os principais elencados são os oriundos dos conflitos e guerras, assim como as péssimas condições econômicas derivadas. A migração internacional promove uma série de efeitos socioeconômicos, os quais refletem no modo de ser das populações. Em face a esse tema debatido internacionalmente uma série de medidas tomadas vem sendo adotadas pelos países situados nas proximidades da região em destaque no sentido de acolher ou mesmo de restringir a entrada de imigrantes. Ao longo deste trabalho procuramos compreender o fenômeno do deslocamento populacional originário do Oriente Médio, as suas motivações e seus efeitos, no atual século, e perspectivar quais as possíveis consequências e impactos em seu entorno estratégico.

Palavras-chave: Migrações; Efeitos; Oriente Médio.

RESUMEN

En el escenario del siglo XXI, el número de migraciones alrededor del mundo y en especial desde Medio Oriente ha ido creciendo en la última década, y por ende, las solicitudes de refugio también se han incrementado. Desde el final de la Segunda Guerra Mundial, no ha habido un número tan elevado de inmigrantes en destino. Según el “Informe de Migración Internacional 2017” de la ONU, se estima que para el año 2017 la cifra creció un 49% con respecto al año 2000, alcanzando los 258 millones de personas.

A medida que aumentan las cifras, se instala una cierta dosis de miedo político y social en el seno de los países limítrofes de los focos de conflicto en Oriente Medio, así como en continentes muy próximos, como Europa. Los impactos de este intenso desplazamiento poblacional reflejan discusiones en el actual escenario internacional.

El proceso de migración internacional puede ser desencadenado por numerosos factores: como consecuencia de desastres ambientales, guerras, persecuciones políticas, étnicas o culturales, causas relacionadas con estudios, búsqueda de trabajo y mejores condiciones de vida, entre otros. Particularmente en lo que respecta a esta porción de la cercana Asia, los principales enumerados son los derivados de conflictos y guerras, así como las pésimas condiciones económicas derivadas. La migración internacional promueve una serie de efectos socioeconómicos, que se reflejan en la forma de ser de las poblaciones.

Ante este tema debatido internacionalmente, los países ubicados en el entorno de la región destacada han adoptado una serie de medidas para acoger o incluso restringir la entrada de inmigrantes.

A lo largo de este trabajo, buscamos comprender el fenómeno del desplazamiento de población originario de Medio Oriente, sus motivaciones y sus efectos, en el presente siglo, y poner en perspectiva las posibles consecuencias e impactos en su entorno estratégico.

Palabras llave: Migraciones; efectos; Oriente Medio.

ABSTRACT

In the 21st century scenario, the number of migrations around the world and especially from the Middle East has been growing in the last decade, and thus, requests for refuge have also increased. Since the end of the Second World War, there has not been such a large number of migrants in destination. According to the UN's "International Migration Report 2017", it is estimated that by the year 2017, the figure grew by 49% compared to 2000, reaching 258 million people.

As the numbers increase, a certain amount of political and social fear is installed in the heart of the countries bordering the centers of conflicts in the Middle East as well as in very close continents, such as Europe. The impacts of this intense population displacement reflect discussions in the current international scenario.

The international migration process can be triggered by numerous factors: as a result of environmental disasters, wars, political, ethnic or cultural persecution, causes related to studies, search for work and better living conditions, among others. Particularly with regard to this portion of nearby Asia, the main ones listed are those arising from conflicts and wars, as well as the terrible economic conditions derived. International migration promotes a series of socioeconomic effects, which are reflected in the way of being of populations.

In view of this internationally debated topic, a series of measures taken have been adopted by countries located in the vicinity of the highlighted region in order to welcome or even restrict the entry of immigrants.

Throughout this work, we seek to understand the phenomenon of population displacement originating in the Middle East, its motivations and its effects, in the current century, and to put into perspective the possible consequences and impacts on its strategic surroundings.

Keywords: Migrations; Effects; Middle East

LISTA DE SIGLAS

ACNUR Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados.

CNIG Conselho Nacional de Imigração.

CONARE Comitê Nacional para Refugiados.

DUDH Declaração Universal dos Direitos Humanos.

FMI Fundo Monetário Internacional.

GATT Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio.

IMDH Instituto Migrações e Direitos Humanos.

LISER Organização para Reconhecimento e Distinção dos Refugiados Ambientais.

MTE Ministério do Trabalho e Emprego.

OIM Organização Internacional de Migrações.

OMC Organização Mundial do Comércio.

OMS Organização Mundial da Saúde.

ONU Organização das Nações Unidas.

OPEP Organização dos Países Exportadores de Petróleo.

OTAN Organização do Tratado do Atlântico Norte.

PNUD Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

PNUMA Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Criança.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA.....	12
1.1.1	Questão de estudo.....	12
1.2	OBJETIVOS.....	12
1.2.1	Objetivo Geral	12
1.2.2	Objetivos Específicos	13
1.3	DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	13
1.4	RELEVÂNCIA DO ESTUDO	13
1.5	METODOLOGIA.....	14
1.5.1	Tipo de pesquisa	14
1.5.2	Universo e amostra.....	14
1.5.3	Coleta de dados.....	15
1.5.4	Tratamento de dados.....	15
1.5.5	Limitações do método.....	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1	QUAIS OS TIPOS DE DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS?.....	18
2.1.1	O que são refugiados?.....	23
2.2	A TEORIA GEOPOLÍTICA DO CHOQUE DAS CIVILIZAÇÕES NO OM.....	25
2.2.1	Um breve recorte acerca do Oriente Médio.....	25
2.2.2	A Teoria do Choque de Civilizações aplicada na Ásia Próxima.....	26
2.3	UMA ABORDAGEM DA TEORIA REALISTA NO ORIENTE MÉDIO.....	26
2.3.1	A Tradição Hobesiana.....	26
2.3.2	A Teoria Realista.....	26
3	A GUERRA NO AFGANISTÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS MIGRATÓRIAS	28
3.1	UM BREVE RECORRIDO DO CONFLITO AFGÃO.....	28
3.2	AS CONSEQUÊNCIAS MIGRATÓRIAS ADVINDAS DO CONFLITO.....	30
4	O CONFLITO ARMADO NA SÍRIA E SEUS REFLEXOS POPULACIONAIS	36
4.1	A GUERRA NA SÍRIA	37
4.2	OS REFLEXOS ADVINDOS DO EMBATE SÍRIO.....	42

5. O FLUXO MIGRATÓRIO ORIUNDO DA TENSÃO ISRAEL X PALESTINA.....	49
5.1 A QUESTÃO ISRAEL X PALESTINA.....	49
5.2 O EFEITO MIGRATÓRIO RESULTANTE.....	51
6. O DESLOCAMENTO POPULACIONAL NO IÊMEN A PARTIR DO CHOQUE DE INTERESSES ENTRE A ARÁBIA SAUDITA E O IRÃ.....	54
6.1 O CONFLITO DO IÊMEN.....	54
6.2 O INTERESSE DA ARÁBIA SAUDITA.....	56
6.3 O OBJETIVO IRANIANO.....	57
6.4 O EFEITO POPULACIONAL ORIUNDO DA GUERRA.....	57
7. O CONFLITO NO IRAQUE E SEUS EFEITOS POPULACIONAIS.....	59
7.1 O CONFLITO NO IRAQUE.....	59
7.2 A CONSEQUÊNCIA POPULACIONAL.....	61
8. CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

Os conflitos internacionais são eventos que acometem as sociedades e países desde a antiguidade, até os dias de hoje, nos cinco continentes do planeta. Atualmente, grande parte desses eventos impactam os governos locais, o modo de vida das populações, as fronteiras entre os países, as transações comerciais, os sistemas de defesa nacionais e as relações entre as nações.

Os deslocamentos populacionais acompanham a trajetória da humanidade desde os primórdios de sua existência, onde o homem busca melhores condições de vida e de desenvolvimento para seus familiares e entes mais próximos. As guerras, as epidemias, os embargos econômicos e catástrofes ambientais estão dentre algumas causas motivacionais dos diversos tipos de fluxos migratórios.

A região do Oriente Médio é uma porção localizada estrategicamente entre os continentes asiático, africano e europeu, sendo considerada uma região de “passagem” e de “transição”. Apresenta em sua composição países possuidores de uma infinidade de características culturais ímpares, ligadas principalmente a questões religiosas, étnicas e culturais, além da influência exercida pelo “ouro negro”, o petróleo, nas rodadas de discussões locais. Dentre os países de maior destaque pode-se citar Israel, Líbano, Arábia Saudita, Irã, Iêmen, Iraque e Afeganistão.

A influência histórica, em assuntos políticos e econômicos, exercida por alguns países na região como os Estados Unidos da América, a França e a Inglaterra ocasionaram certa instabilidade e incrementam choques de interesses locais. Além disso, a partir do século XXI a presença de novos atores como a China e a Rússia acabam por multipolarizar o entorno geopolítico em questão, incrementando seu valor geopolítico.

Além disso, o antagonismo entre palestinos e israelenses desde a criação do Estado de Israel em 1947 e a sua conseqüente independência em 1948 é desde sempre um fator provocador de instabilidade regional. Além disso, o anseio da nação curda por um território próprio, as guerras na Síria, no Afeganistão, a crise Humanitária no Iêmen e a projeção de poder iraniana na região são alguns exemplos que corroboram este barril de pólvora e caleidoscópio cultural.

A postura cada vez mais incisiva da comunidade internacional por intermédio de nações limítrofes ou próximas a região em litígio, como os europeus, além do posicionamento e presença de organismos supranacionais como a União Européia, ONU e a OTAN perante o deslocamento crescente de adultos, jovens

idosos e crianças vêm dando destaque e relevância ao estudo do trabalho proposto.

Assim sendo, os diversos fluxos migratórios que ocorrem na porção do Oriente Médio, oriundos de conflitos entre nações ou no interior das mesmas, acaba por ser um assunto que merece ênfase e que provoca uma série de consequências local e internacionalmente.

Por fim, mensurar hoje quais os conflitos internacionais existentes no Oriente Médio, bem como entender suas causas e consequências para a eclosão do emergente deslocamento de pessoas, suas rotas e motivações e os impactos disso a níveis regional e internacional acaba por ser o cerne deste trabalho de pós graduação lato senso.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Quais as consequências da atual crise migratória presente nos países do Oriente Médio, os quais passam por conflitos de toda ordem, para a comunidade internacional e seus países limítrofes?

1.1.2 Questão de estudo

O presente trabalho de conclusão de curso será desenvolvido em torno do seguinte problema: Quais as consequências da atual crise migratória presente nos países do Oriente Médio, os quais passam por conflitos de toda ordem, para a comunidade internacional e seus países limítrofes?

A fim de melhor identificar e detalhar as distintas ações a serem realizadas para procurar compreender a pergunta formulada como problema de investigação, foram traçados o objetivo geral da pesquisa e os seus objetivos específicos.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar o surgimento de importantes fluxos migratórios na região do Oriente Médio, a partir de conflitos ocorridos no século XXI e suas consequências geradas para a região em questão.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Apresentar os conflitos ocorridos no Oriente Médio, em pleno século XXI;
- b) Apresentar os atuais fluxos migratórios oriundos de países da região do Oriente Médio;
- c) Identificar os impactos econômicos, políticos e psicossociais ocasionados em países limítrofes as áreas de conflito;
- d) Diferenciar os diversos conceitos atinentes aos fluxos migratórios: refugiados, deslocados, deslocados internos e imigrantes;
- e) Apresentar os reflexos de tais deslocamentos populacionais para a comunidade internacional; e
- f) Concluir sobre o atual cenário migratório em questão e abordar possíveis soluções para o imbróglio.

1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo estará limitado aos conflitos ocorridos no Oriente Médio no século XXI, advindos de conflitos e suas respectivas consequências populacionais geradas. Essa escolha deve-se a importância e relevância do referido campo de estudo na atualidade, sendo atual e altamente contemporâneo. Dessa forma, o estudo abordará quais as possíveis consequências provocadas pelos principais embates desenrolados no Oriente Médio, no que se refere ao campo psicossocial dos movimentos migratórios.

1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

O Oriente Médio tem sido uma região de grande instabilidade, onde uma série de conflitos armados tem provocado um elevado refluxo populacional, em pleno século XXI. Dentre as inúmeras causas e motivações dos conflitos pode-se observar: questões religiosas, étnicas, econômicas, políticas e psicossociais.

A relevância do assunto para o Estado Brasileiro deve-se a forma como o governo federal trataria essa questão migratória se ocorresse em seus limites territoriais, bem como quais seriam as consequências para sua população.

Com o estudo pretende-se contribuir para o Exército Brasileiro os seguintes aspectos:

a) atualização dos conhecimentos dos futuros oficiais de estado-maior a partir de estudos nas escolas de formação, aperfeiçoamento e estado-maior, perante os materiais de emprego militar empregados nos conflitos recentes no Oriente Médio, tema este de extrema relevância;

b) divulgação dos ensinamentos colhidos publicados na mídia internacional, pelos Exércitos partícipes da OTAN, em virtude das ações desempenhadas pelos envolvidos na crise, como estudo de caso nos bancos escolares;

c) dinamização do treinamento do Exército Brasileiro no que tange as tropas debruçadas na faixa de fronteira, a partir dos acontecimentos oriundos dos intensos movimentos populacionais;

d) mobilização e realocação por parte do Exército Brasileiro de tropas para regiões estrategicamente importantes situadas na faixa de fronteira amazônica, bem como na região da Tríplice Fronteira, através do que ocorre na região em estudo; e

e) modernização da doutrina militar brasileira acerca das ações de controle, observação e vigilância da faixa de fronteira.

1.5 METODOLOGIA

1.5.1 Tipo de pesquisa

O presente estudo será realizado, principalmente, por meio de uma pesquisa bibliográfica, do tipo qualitativa, pois baseará sua fundamentação teórico-metodológica na investigação sobre os assuntos relativos aos conflitos ocorridos no Oriente Médio e as consequências migratórias, previstas em manuais e artigos de acesso livre ao público em geral, incluindo-se nesses aqueles disponibilizados pela rede mundial de computadores.

1.5.2 Universo e amostra

O universo do presente estudo são os conflitos ocorridos no Oriente Médio durante as duas primeiras décadas do século XXI. Como principais amostras serão utilizados os dados dessas ações envolvendo alguns atores como Israel, Síria, Irã, Arábia Saudita, Iraque, Iêmen e o Afeganistão.

As amostras que serão utilizadas são baseadas nos livros, artigos, sites e revistas especializadas sobre os temas de conflitos armados na Região do Oriente Médio bem como nos movimentos migratórios da atualidade e, por serem bastante

recentes, têm condições de retratar a situação atual da relação entre os entes envolvidos neste Trabalho de Conclusão de Curso.

1.5.3 Coleta de dados

Conforme Departamento de Pesquisa e Pós-graduação (Exército) (2012), a coleta de dados do presente trabalho de conclusão de curso dar-se-á por meio da coleta na literatura especializada (livros, manuais, revistas especializadas, jornais, artigos científicos, etc) de autores renomados que tratam dos seguintes assuntos: Política, Relações Internacionais, Oriente Médio e Movimentos Migratórios.

Será realizada uma pesquisa bibliográfica de outros trabalhos relativos ao tema, tais como monografias, teses e dissertações, sempre buscando os dados pertinentes ao assunto. Nessa oportunidade, serão levantadas as fundamentações teóricas para atender à questão de estudo levantada inicialmente.

1.5.4 Tratamento de dados

Conforme Departamento de Pesquisa e Pós-graduação (Exército) (2012), o método de tratamento de dados que será utilizado no presente estudo será a análise de conteúdo, no qual serão realizados estudos de textos para se obter a fundamentação teórico para se confirmar ou não a hipótese apresentada.

1.5.5 Limitações do método

A metodologia em questão possui limitações, particularmente, quanto à profundidade do estudo a ser realizado, pois não contempla, dentre outros aspectos, o estudo de campo e a entrevista com pessoas diretamente ligadas aos processos em estudo. Porém, devido ao fato de se tratar de um trabalho de término de curso, a ser realizado em aproximadamente seis meses (ver item 4 CRONOGRAMA), o método escolhido é o método indutivo como forma de viabilizar a tomada de decisões acerca do alcance da investigação, das regras de explicação dos fatos e da validade de suas generalizações sendo o mais adequado e possibilitará o alcance dos objetivos propostos no presente Projeto de Pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O Oriente Médio, região do continente asiático que compreende a península Arábica, o Golfo Pérsico e territórios da orla do Mediterrâneo e da Ásia Central, sendo um berço de culturas milenares e das três grandes religiões monoteístas (cristianismo, islamismo e judaísmo). Já foi cenário de inúmeras conquistas territoriais e domínio de impérios e califados.

Nesse sentido, as suas representações geográficas não se baseiam teoricamente em princípios culturais ou religiosos, mesmo que a maioria tenha adotado como idioma principal o árabe, há aqueles que falam turco (Turquia), persa (Irã) e hebraico (Israel). Além disso, a região não é formada apenas por muçulmanos, mas sim por cristãos e judeus. Assim sendo, os termos Mundo Islâmico, Mundo Árabe e Oriente Médio não são sinônimos, embora tenham várias vertentes em comum.

Essas conotações relacionadas ao limite territorial normalmente não são problematizadas, uma vez que se focam num discurso de que existe uma única concepção do termo. Portanto, não existe uma “verdade absoluta”, Hourani (2006, p. 4), reforça essa afirmação ao dizer que:

Seria possível argumentar que o tema é demasiado grande ou demasiado pequeno: que a história do Magreb é diferente da do Oriente Médio, ou que a história dos países onde o árabe é a língua principal não pode ser vista isoladamente da de outros países muçulmanos. Mas temos de traçar algum limite, e foi aí que decidi traçá-lo, em parte devido aos limites de meu próprio conhecimento.

Nesta razão, optou-se, primeiramente, determinar a região para depois analisá-la. Segundo Özalp (2011), as definições do Oriente Médio se distinguem de acordo com o relacionamento de poder que se modificam ao decorrer do tempo, entretanto há algo em comum entre essas, visto que são desenvolvidas tomando por base a perspectiva europeia, pois é a partir desse prisma geográfico que o Oriente se torna Médio, Próximo ou Distante.

Para Carr (1981, p. 135), quando o poder envolve dois ou mais atores ou Estados, imediatamente se torna político, “Embora não se possa definir a política exclusivamente em termos de poder, é seguro dizer-se que o poder é sempre um elemento essencial da política”. Desse modo, remonta-se ao imperialismo europeu ao findar do século XIX, já que as mudanças geopolíticas nessas fronteiras foram

efetuadas inicialmente para defender a soberania britânica e as esferas de influências estabelecidas pelos franceses, alemães e russos no final do século XIX e na primeira metade do século XX (EHLERS 1990, *apud* ÖZALP, 2011).

Uma nova importância foi conferida ao Oriente Médio, sobretudo, após a Segunda Guerra Mundial. A dominação do Oriente Médio ganhou uma nova perspectiva. A independência dos Estados Árabes, especialmente a partir da década de 1940, não finalizou de maneira integral a possível intervenção das potências europeias, gerando uma instabilidade política na região (ZAHREDDINE; TEIXEIRA, 2015)

As disputas pelas grandes reservas de petróleo e dissensões culturais e religiosas (sobretudo as que opõem xiitas e sunitas) tornam a região uma das mais conturbadas do mundo recente, com diferentes conflitos, atentados, êxodos de refugiados e perdas de vidas humanas.

Essa porção do continente asiático ocupa uma posição de destaque na atual geopolítica e, singularmente, no projeto hegemônico das principais potências mundiais, no qual destaca-se a sua riqueza em petróleo e a sua localização geográfica no coração do Velho Mundo como fatores geoestratégicos (AMIN, 2004). O petróleo está sendo mantido através do viés político da região. Para explicar essa interferência externa, formou-se uma concepção idealizada do Oriente Médio, generalizando seus povos, exceto Israel, para serem percebidos como inimigos do Ocidente (SCHIOCCHET, 2011).

A presença de tropas, bases militares e a ajuda financeira de potências ocidentais e da Rússia reforçam a importância estratégica do Oriente Médio.

A Primavera Árabe que determinou o fim de algumas das velhas ditaduras, através de movimentos sociais.

Os movimentos sociais que modificaram a estrutura política, econômica e social no Oriente Médio tiveram como alicerce o pensamento de transformação, o término do autoritarismo dos governos locais e o sentimento de insatisfação e de liberdade das camadas populares. (CORRÊA; DELGADO, 2018, p. 4).

Esse evento atingiu cada país de forma diferente, no qual decidiu-se abordar alguns acontecimentos contemporâneos, analisando os Estados que foram determinados como pontos de saída para entender as razões pelas quais os

imigrantes são atraídos a certos destinos.

A combinação de questões socioeconômicas e políticas constituíram a causa comum por trás do início das manifestações no mundo árabe; de maneira geral, altas taxas de desemprego, especialmente entre os jovens, corrupção, crises políticas, desigualdades regionais, a deterioração das condições econômicas ampliadas pela crise financeira global de 2008 e a influência externa constituíram os elementos principais que fizeram das ruas dos países árabes espaços de reivindicações que clamaram por mudanças. Assim, entre o final de 2010 e o início de 2011, a Praça Tahir (que significa libertação, em árabe) no Cairo, Egito, entre outras, se tornou um dos lugares simbólicos das reivindicações populares árabes (BENSADAA, 2015; DALACOURA, 2012).

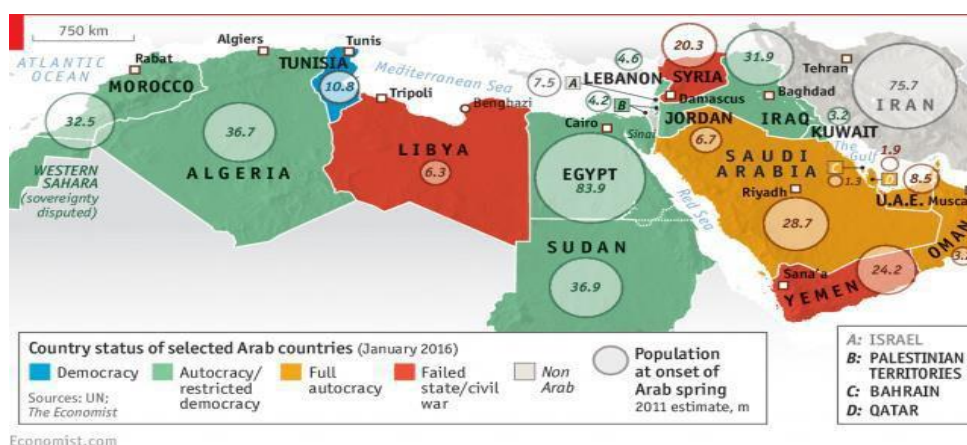


Figura 1 – Países que enfrentaram a Primavera Árabe
Fonte: The Economist, 2016

2.1 QUAIS OS TIPOS DE DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS

No atual período, os fluxos migratórios tornaram-se internacionais, o que significa que não estão mais reservados às cidades próximas ou à capital de um país vizinho, pois seu horizonte é o mundo (MARTINE, 2005). Infere-se que essa nova ordem geopolítica, a “globalização”, trouxe um conceito de um mundo interconectado e interdependente, projetando uma concepção de uma cidadania transnacional, porém essa perspectiva tem funcionado efetivamente para o mercado, ao possibilitar a internacionalização do capital, já que estamos diante de um sistema de segurança e de defesa que busca se reforçar progressivamente (SILVA; UGOSKI; DRAVANZ, 2017).

A movimentação de pessoas por diferentes locais vem acontecendo há muito

tempo na humanidade. Os povos pré-históricos, em sua maioria, tinham um modelo de vida concentrada no nomadismo, ou seja, não viviam em um local fixo e se deslocavam em busca de recursos para sobreviver.

Em via de regra, os fenômenos migratórios são superficialmente conceitualizados como a movimentação de pessoas de um país para outro durante um determinado período de tempo (origem-destino). Esse conceito exclui a multiplicidade desses movimentos, a iniciar pelas causas muitas vezes generalizadas; pelo grande volume dos fluxos de pessoas; pelos itinerários que seguem e pelos princípios globais que se colocam (NOLASCO, 2016).

Esse modo de vida só se alterou quando o ser humano dominou a prática da agricultura, conseguindo ter controle sobre os recursos da terra. Contudo, isso não fez com que as pessoas parassem de se deslocar pelo mundo

O processo migratório permanece como um fenômeno da sociedade até os dias de hoje. Mas, diferentemente dos tempos pré-históricos e antigos, atualmente possuímos fronteiras políticas entre os territórios das nações e as pessoas que se deslocam entre elas são caracterizadas como migrantes ou refugiados.

A migração pode ser classificada em dois tipos de movimentos: “migração interna”, que seria a circulação dentro de um mesmo país e, a “migração externa” ou internacional, que ocorre entre diferentes continentes ou países diferentes, em que o ponto de partida e a de chegada são caracterizados como “entrada” e “saída” (RESSTEL, 2015).

Já as migrações também podem ser classificadas como sendo voluntárias ou forçadas. A primeira engloba os “imigrantes econômicos”, ou seja, aqueles que migram sem qualquer tipo de restrição, objetivando melhores condições de vida. No que tange a segunda remete-se à imigração forçada, no qual enfatiza-se os “refugiados” que são obrigados a sair de seus locais de origem por causas religiosas, políticas, ambientais entre outros. Esses não desejam se regressar pelas mesmas razões que os fizeram partir (MATOS, 1993). A primeira reflete mais especificamente a respeito as características dos migrantes, os quais deixam o seu local de origem por razões de conveniência, usufruindo do seu livre arbítrio, não devido a uma obrigação por fatores externo. Já a segunda pode ser causada por conflitos ou algum tipo de perseguição no local de origem da população deslocada, ou mesmo desastres climáticos e naturais.

Segundo Barbosa (2010, p. 39), “as fronteiras se abrem para o fluxo de capitais e mercadorias, mas a abertura é mais estreita em se tratando de migrantes”. Em outros termos, embora os óbices atinentes à circulação de capitais sejam reduzidos, as restrições à livre circulação de pessoas cresceram e não há indícios de que haverá uma alteração na política de entrada de migrantes. Em muitos Estados, há um alinhamento civil e político refratário à imigração internacional que utiliza vários tópicos para explicitar essa ação, desde ameaças à segurança até a hipótese de substituir a força de trabalho local por outra mais barata (BARBOSA, 2010).

a. O que são IMIGRANTES?



Figura 2 – Ondas Migratórias
Fonte: ACNUR, 2016

Uma pessoa que se desloca, em geral, de forma voluntária, de seu país de origem para outro, com intenção de se estabelecer por algum tempo no Estado de acolhida, é considerado, por este, um imigrante. Há inúmeros motivos que levam um indivíduo a tomar a decisão de migrar, mas uma das principais razões é econômica, quando a pessoa parte para outro país com a esperança de ter uma condição de vida melhor.



Figura 3 – Os principais fluxos imigratórios
ACNUR, 2016

Por essa definição, entendemos que há dois tipos de imigrantes: de caráter temporário ou definitivo. Para os imigrantes que desejam se instalar de forma permanente, o processo é o de requisição da autorização de residência. Já as pessoas que somente desejam passar um tempo definido no país, podem pedir o visto temporário.

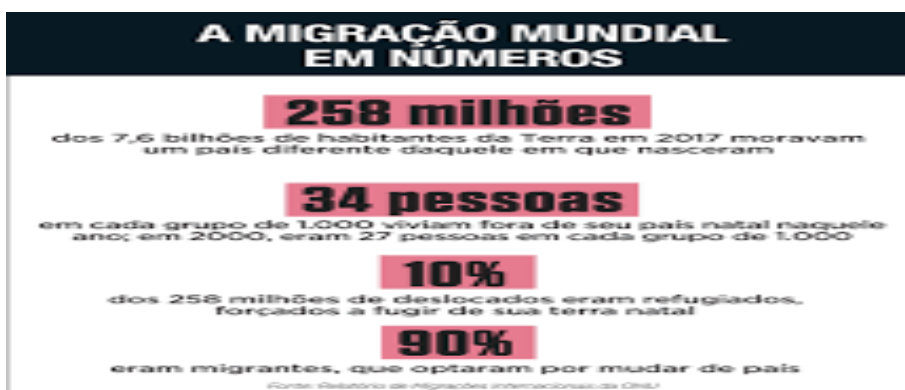


Figura 4 – A migração mundial em números
Fonte: ACNUR, 2016

Duas são as principais razões para esse fenômeno:

1) a instabilidade política provocada pelo terrorismo e pelas guerras civis, sobretudo pela guerra civil na Síria e pela atuação da facção terrorista Estado Islâmico em boa parte do território sírio; e

2) a recusa de outros países muçulmanos, sobretudo os países do Golfo Pérsico, como a Arábia Saudita, em receber os refugiados em seu território; bem como as dificuldades de instalação em países vizinhos, como a Jordânia, que tem acomodado os refugiados em acampamentos com condições precárias.



Figura 5 – Migrantes na fronteira da Grécia com a Macedônia
Fonte: ACNUR, 2018

Mais de 350.000 pessoas deslocaram-se de países islâmicos, sobretudo da Síria e da Líbia, em direção à Europa. Os países que mais receberam esses imigrantes foram a Grécia (cerca de 235.000 indivíduos) e a Itália (cerca de 115.000 indivíduos).



Figura 6 – Pedidos de asilo na UE e EFTA e rotas migratórias em 2015

Fonte: ACNUR, 2019

b. O que são ASILADOS POLÍTICOS?

Para que uma pessoa possa ser considerada asilada política, é fundamental que ela esteja sendo perseguida por motivos políticos em seu país de origem. Para receber o benefício, o solicitante de asilo não pode ter cometido crime comum ou estar em aguardo de julgamento relacionado a um crime comum.

A prática do asilo político existe, no mínimo, desde a formação do Estado moderno, cujo marco em geral é datado em 1648, quando ocorre a Paz de Westfália, que encerra a Guerra dos 30 anos na Europa. É importante ressaltar que cabe ao Estado decidir aceitar ou não um solicitante de asilo, mesmo que seja comprovado que o mesmo sofre perseguição política em seu país de origem.



Figura 7 – Edward Snowden, que teve asilo político estendido na Rússia até 2020
Fonte: Wikipedia, 2020

c. O que são DESLOCADOS INTERNOS?

Os deslocados internos são aqueles que se deslocam por motivos semelhantes aos refugiados, contudo permanecem no seu próprio país, ou seja, não cruzam fronteiras nacionais.

d. O que são APÁTRIDAS?

Os apátridas que, geralmente por conflitos de legislações, não são cidadãos de qualquer Estado e, assim, não têm direito à proteção e aos serviços públicos, se encontram numa situação de vulnerabilidade e constante perigo.

2.1.1 O que são REFUGIADOS?

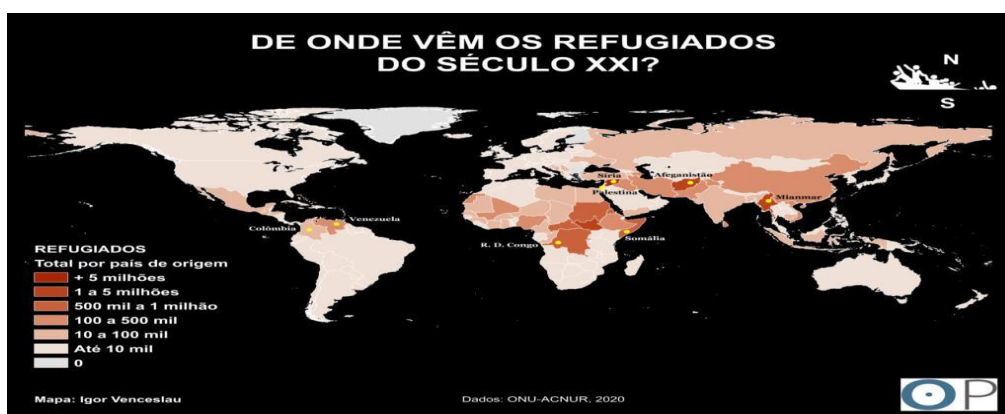


Figura 8 – Origem dos refugiados
Fonte: ACNUR, 2016

Os refugiados são frequentemente confundidos com os asilados, porque os dois envolvem algum tipo de perseguição. Entretanto, diferente do asilo, que

somente se refere a uma perseguição política, o refúgio pode ter relação com os mais diferentes tipos de perseguição: de etnia, religião, nacionalidade, grupo social, convicção política, entre outros. O refúgio também pode ser solicitado quando há uma situação de guerra ou conflito interno no país de origem.

Outra grande diferença é que, enquanto a decisão de receber um asilado político é exclusivamente do Estado, consistindo em uma relação direta deste com o indivíduo, o refugiado faz parte de um grupo que sofre perseguição por um mesmo motivo, não cabendo ao Estado decidir de forma política acolher ou não esses indivíduos que chegam a seu território após fugir de uma situação de risco.

Com isso, visando não só a segurança nacional das nações, mas também o respeito pelos direitos humanos previstos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), a comunidade internacional se mobilizou e em 1950 fundou o Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), uma agência da ONU que atua para proteger as pessoas em situação de refúgio.

A própria Declaração Universal possuía previsão expressa a refugiados, estabelecendo em seu artigo 14 que: *“Todo ser humano, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e gozar asilo em outros países”*.

A regulamentação internacional referente ao refúgio se baseia principalmente na Convenção de Genebra de 1951, que, dentre outros benefícios, garante aos refugiados o direito de não serem expulsos ou retornados a seus países de origem enquanto permanecerem os riscos à sua vida ou liberdade.



Figura 9 –Rotas migratórias

Fonte: ACNUR, 2018

A guerra civil na Síria estende-se desde 2011, época em que ocorreu a chamada Primavera Árabe. Desde essa época, muitas pessoas saíram da Síria em direção aos países muçulmanos vizinhos, como a Turquia, que assimilou um enorme contingente de refugiados. Há pouco tempo, entretanto, esses países vêm restringindo a entrada desses refugiados, que agora partem em direção ao leste e ao sul da Europa. Famílias inteiras estão deslocando-se à procura de abrigo.

O fato é que as decisões de cada país europeu em aceitar ou não os refugiados geram uma crise de teor ético e político ao mesmo tempo. Muitas são as indagações levantadas por especialistas que acompanham esse fluxo migratório. Uma delas diz respeito à capacidade de países em plena crise econômica, como a Grécia, de acomodar, dar emprego e assistência social a milhares de refugiados.



Figura 10 –Serviço Naval Irlandês a resgatar imigrantes de um barco superlotado como parte da Operação Tritão
Fonte: ACNUR, 2016

Outra diz respeito à divergência cultural entre muçulmanos e europeus, como o uso de regras de conduta específicas para mulheres, o uso da língua árabe como língua sagrada, o estudo do alcorão e a prática das orações públicas diárias etc.

2.2 A TEORIA GEOPOLÍTICA DO CHOQUE DAS CIVILIZAÇÕES NO CONTEXTO DO ORIENTE MÉDIO

2.2.1 Um breve recorte acerca do Oriente Médio

O Oriente Médio é uma região que abrange países localizados na confluência de três continentes: a África, a Ásia e a Europa. Ao realizar o mapeamento de identificação geográfica, encontrou-se diferentes concepções sobre quais Estados constituem parte dessa área, marcada por conflitos territoriais, geopolíticos, étnico

e religioso. Portanto, determinou-se englobar os seguintes países: Turquia, Síria, Irã, Iraque, Líbano, Kuwait, Palestina, Jordânia, Bahrein, Catar e Emirados Árabes Unidos.

2.2.2 A Teoria do Choque de Civilizações aplicada na Ásia Próxima

A Teoria do Choque de Civilizações, de 1996, o professor norte-americano Samuel Phillips Huntington descreve um cenário em que “os conflitos e guerras não mais serão entre Reis, entre Estados ou ideologias, mas sim, entre civilizações”. Com base nessas ideias, Huntington identificou no mundo atual nove civilizações distintas. Cabe ressaltar que nessa divisão, o professor excluiu a América do Sul da chamada “Civilização Ocidental”, da qual sempre fez parte junto com os EUA, Canadá e Europa Ocidental, realocando a região para a “Civilização Latino-americana”, com características próprias que a distinguem dos citados países do Norte (MAFRA, 2006).

2.3 UMA ABORDAGEM DA TEORIA REALISTA NA PERSPECTIVA REGIONAL EM TELA

2.3.1 A Tradição Hobbesiana

A tradição hobbesiana baseia-se no pensamento de Thomas Hobbes, autor de “O Leviatã”, que aborda o “estado de natureza” do homem, sempre inclinado a lutar contra seus semelhantes (DIAS, 2010). Dessa maneira, o Realismo traça um paralelo com o “estado de natureza” de Hobbes ao identificá-lo no sistema internacional na busca dos Estados em atingir os seus interesses, em um sistema considerado anárquico devido à ausência de um poder organizado em nível internacional.

2.3.2 A Teoria Realista

A perspectiva do realismo político estabelece como grande princípio básico das Relações Internacionais o poder como elemento regulador de um

sistema anárquico, ressaltando que um Estado deve velar pela segurança internacional. Segundo Dias (2010), os pressupostos básicos não foram modificados ao longo do tempo, mantendo-se o domínio do enfoque estatal, a separação da política interior e exterior e a primazia das colocações em relação ao poder.

O Realismo também estabelece como uma de suas premissas básicas, segundo Dias (2010), “a existência de relações de poder entre os Estados baseadas em termos econômicos, militares e a opinião pública internacional”.

Com o passar dos anos, o Realismo passou por uma reinterpretação, momento no qual foram acrescentados novos conceitos, como a redefinição do principal pressuposto na busca do Estado por segurança, ao invés do poder, como propunha a teoria realista clássica.

3 A GUERRA NO AFGANISTÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS MIGRATÓRIAS

3.1 UM BREVE RECORRIDO DO CONFLITO AFGÃO

O Afeganistão por muito anos foi o cenário do chamado “grande jogo” entre potências, marcado pela influência externa. A população é compreendida por multifacetadas etnias, as quais foram consolidadas em um único Estado. Tendo em vista às divisões internas, às relações entre as diversas tribos e à ação dos designados senhores da guerra, nunca se perpetuou por muito tempo um mesmo governante que consolidasse todas as etnias sob um mesmo Estado forte e centralizado. Assim, o Afeganistão se localiza em meio a importantes rotas comerciais, principalmente de hidrocarbonetos, tornando a região ainda mais interessante”. (ROCHA et al., 2014)

Neste cenário, destaca-se o Taliban, que conseguiu adquirir o comando de vastas regiões do país e passou a governá-lo em 1996, iniciando um regime com preceitos na interpretação pura e simples da sharia, a lei islâmica (RUNION 2007; MALEY 2009).

Segundo Lopes (2018), os recentes desenvolvimentos da questão afegã envolvem o surgimento de um novo ator — o autoproclamado Estado Islâmico — e a declaração de uma nova estratégia estadunidense para o Afeganistão.

Logo depois dos ataques realizados por grupos terroristas em território norte-americano contra os edifícios-símbolo dos Estados Unidos da América, dentre eles o Pentágono e o World Trade Center e em meio ao caos, o governo liderado por de George W. Bush direcionou à Osama bin Laden, principal ente da rede terrorista Al Qaeda como sendo o mandante pelos atentados, determinando que o governo do Taleban, aliado da Al Qaeda, realizasse a entrega às autoridades estadunidenses de Osama bin Laden. Entretanto a solicitação não foi cumprida pelos governantes do Afeganistão, tendo início assim o emprego de tropas por parte dos EUA e do Reino Unido, os quais invadiram o país afegão no mês de outubro de 2001, no que a história marcou como sendo a Guerra do Afeganistão.



Figura 11 - A guerra do Afeganistão
Fonte: Wikipédia, 2016

Assim, foi feita a intervenção dos EUA no Afeganistão, a qual praticou a retirada do Taliban do cerne político local. Paralelamente, o Conselho de Segurança das Nações Unidas ratificou a coalizão da OTAN para estabilizar o país e auxiliar na efetivação de um governo transitório, além da Missão de Paz no Afeganistão, chamada de UNAMA na sigla em inglês (VIZENTINI, 2012). Mesmo após as eleições populares, os problemas da fragmentação interna e pouca penetração do dito poder central para fora da capital mantiveram-se. O Taliban, enfraquecido pela intervenção externa, se reorganizou junto aos senhores da guerra nas áreas rurais (JONES, 2010).

O Taleban foi retirado do poder e grande parte de seus membros fugiu para o Paquistão. Em dezembro de 2001, formou-se um governo misto formado pelas principais e importantes etnias do país, os pashtuns (maioria), os tadjiques, os hazaras e os uzbeques.

Também de acordo com Lopes (2018), a guerra no recorte histórico considerado, presente no Afeganistão, foi colocada como prioridade, tendo e vista o considerável acréscimo do o número de soldados em quantitativo recorde. A grande efetividade e eficiência da coalizão produziu resposta severa por parte do grupo terrorista , que, restringido ao sul, reorientou-se para o norte do país. Após o falecimento de Osama Bin Laden em 2011, o engajamento das

nações no contexto internacional decaiu e começaram os preparativos para a saída da missão da OTAN.

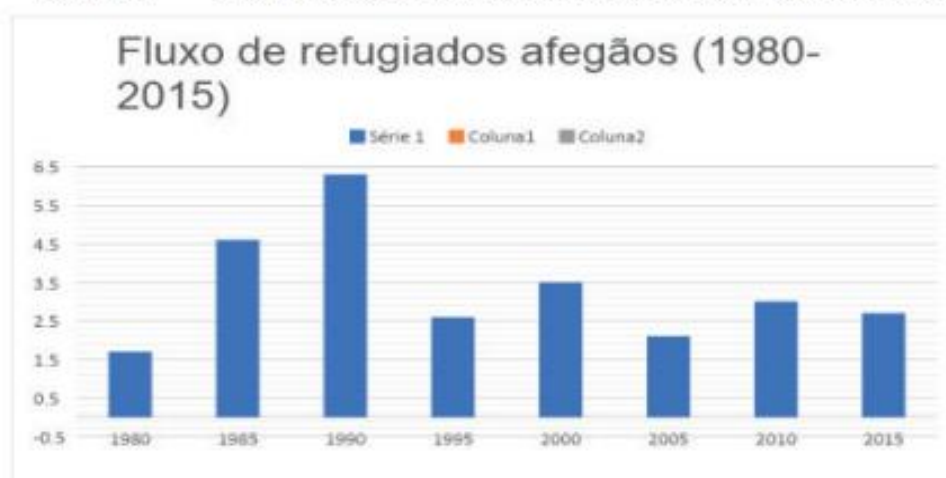
Nesse sentido, iniciou-se um período de transição das forças da coalizão àquelas afegãs. A OTAN iniciou a sua saída em 2014, e um número reduzido de tropas dos EUA continuaram no país para fins de estabilização. No contexto dos últimos anos, o Taliban se reorganizou, localizando-se principalmente ao norte, registrando ainda nesse viés a participação de um novo ator, o Estado Islâmico (EI). Apesar de marcante, a presença do EI na região é ainda bem restrita, e infere-se que haja menos de mil membros do grupo no país (GASTAL; MACHRY; TESSUTO, 2016).

A situação da economia do país afegão permanece em caos mesmo no pós conflito. A cultura das drogas ilícitas, dentre elas a papoula e o comércio de ópio, muito demandados na região do Sudeste Asiático, ainda representam grande parte da atividade econômica. A possibilidade cada vez maior, tendo em vista o elevado valor de mercado, da exploração de reservas de minerais raros e comerciais como: lítio, ferro, ouro, nióbio, cobalto e de outros minerais pode alavancar uma grande fonte de renda ao país, contudo faltam condições econômicas, infraestrutura e vontade da política local para atrair investimentos do exterior. Hoje uma possibilidade de incremento econômico são os investimentos, na ordem de US\$ 1 trilhão, feitos pelos EUA a partir da exploração do gasoduto TAPI (Turcomenistão-Afeganistão-Paquistão-Índia) .

3.2 AS CONSEQUÊNCIAS MIGRATÓRIAS ADVINDAS DO CONFLITO

Conforme Lopes (2018), no desenrolar do período, o fluxo de refugiados continuou a se consolidar, sendo atestado no gráfico abaixo. Desde a primeira geração de refugiados do Afeganistão, os países vizinhos e limítrofes Paquistão e Irã foram as nações que mais foram impactadas pelos grandes fluxos. Com o decorrer e a evolução dos anos, o quantitativo de indivíduos migrando de forma forçada modificou-se ao encontro das evoluções internas do país, e em períodos de maior belicosidade esse número elevou-se.

Imagem 1 — Número absoluto de refugiados afegãos por ano, em milhões



Fonte: Elaboração própria com base em UNHCR, 2017b.

Figura 12 –Serviço Naval Irlandês a resgatar imigrantes de um barco superlotado como parte da Operação Tritão

Fonte: UNHCR, 2016

No entanto, é muito importante destacar que desde 1979 o contingente ano a ano de refugiados afegãos nunca foi inferior do que 1,5 milhão de pessoas, sendo este um dos mais marcantes e impactantes fluxos de migração forçada do planeta. Em 2016, registrou-se 2,5 milhões de refugiados afegãos, com uma leve queda em comparação com 2015. Destes, 1,4 milhões estão no Paquistão e quase 1 milhão no Irã. Já o continente europeu apresenta menores quantitativos de refugiados, recebendo destaque países como a Alemanha (46 mil), Áustria (20 mil), Suécia (16 mil), Itália (16 mil) e Grécia (11 mil). A partir de 2002, acelerou-se o incentivo à repatriação voluntária de refugiados no Paquistão e Irã a áreas do Afeganistão consideradas seguras (CANDIDO, 2014).



Figura 13 – Refugiados usam cobertores para se proteger do intenso frio europeu
Fonte: ACNUR, 2016

Lopes (2018) afirma que em relação aos refugiados, vale salientar a questão do modelo de repatriação voluntária. Além de ser muito difícil designar como voluntária é essa repatriação, existem as questões de cunho político envolvidas. O retorno dos refugiados legitima os novos governos do Afeganistão e atende aos interesses dos Estados vizinhos que recebem muitos refugiados, e por isso é bastante incentivada (CANDIDO, 2014). Não obstante, em uma realidade de persistente instabilidade, a carência de infraestrutura e obstáculos para a reconstrução do Afeganistão, o retorno dos refugiados não favorece a segurança desses seres humanos.



Figura 14 – Um grupo de afegãos chega à Ilha de Lesbos, entre Turquia e Grécia
Fonte: ACNUR, 2016

Dessa maneira, Lopes (2018) é categórico em assinalar que a população continua em situação de vulnerabilidade e de insegurança geral sendo forçada a migração, através de deslocamentos dentro do próprio território ou para fora de seus limites nacionais. Após aproximadamente 40(quarenta) anos em que se observa anualmente o êxodo de números elevados de indivíduos, o Afeganistão permanece sofrendo com problemas estruturais que a intervenção estrangeira não logrou em solucionar. Alguns elementos contribuem para esse estado final sendo eles: instituições débeis, um governo central sem autoridade e apoio no que tange a totalidade do território, a forte dependência estrangeira e a forte ação de grupos radicais, onde a diáspora afegã prevalece até a atualidade e não tem previsão de fim.



Figura 15 – Um jovem afegão tenta manter seu filho de seis meses aquecido
Fonte: ACNUR, 2016

No que compete a Organização das Nações Unidas (ONU), uma de suas agências, a ACNUR expressou preocupação sobre casos de muitas pessoas que morreram ao tentar entrar ou viajar pela Europa, incluindo cinco casos, em decorrência das condições extremas.

Segundo a representante da ACNUR Cécile Pouilly (2019) “Salvar vidas é a prioridade mais urgente agora”, em coletiva de imprensa em Genebra "Estamos extremamente preocupados com os contínuos relatos de retrocessos em todos os países ao longo dos Balcãs, na parte ocidental. Estas práticas são simplesmente inaceitáveis e devem ser interrompidas, pois colocam a vida dos

refugiados e dos migrantes em risco elevado e violam os seus direitos mais fundamentais”.

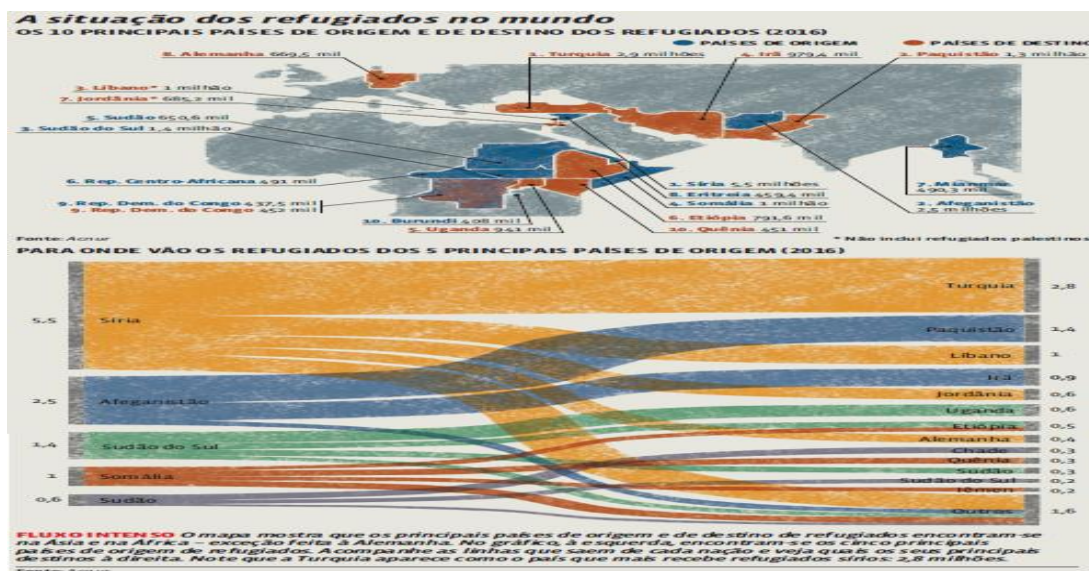


Figura 16 – A situação dos refugiados no mundo

Fonte: ACNUR, 2017

O ACNUR solicitou que as autoridades dos países europeus enfatizem mais ações com o intuito de ajudar e proteger refugiados e migrantes, demonstrando inquietude com os relatos de abusos cometidos por grupos criminosos, como sequestros, abusos físicos, ameaças e extorsão.

Ainda segundo Pouilly (2019), “Aconselhamos os Estados europeus a intensificar seus esforços para combater estas redes criminosas a fim de garantir a segurança dos refugiados e dos migrantes.”

O ACNUR atuou com as autoridades locais e parceiros para fornecer aquecedores, cobertores térmicos, roupas de inverno e calçados para estas pessoas deslocadas. Dos 7,3 mil refugiados, solicitantes de refúgio e migrantes que vivem no país, 82% estão agora alojados em abrigos governamentais com aquecimento.

Como consequências advindas da migração forçada para os países europeus, na Grécia e nos Bálcãs, estima-se que 23,7 mil crianças refugiadas e migrantes — incluindo bebês e recém-nascidos, principalmente da Síria, do Iraque e do Afeganistão — permaneçam desamparadas. Já no que se refere aos que cruzaram o Mediterrâneo, em 2019, os afegãos representam 20% desse fluxo.

O recrudescimento do sentimento de xenofobia, ou seja, aversão ao estrangeiro, é outra latente consequência latente principalmente nos países recipiendários europeus. Segundo Antonio Guterres (2019), "À medida que os sentimentos xenofóbicos crescem em algumas áreas, é importante reconhecer as contribuições positivas que refugiados e migrantes fazem às sociedades em que vivem e também aos valores europeus fundamentais: protegendo vidas, defendendo os direitos humanos e promovendo a tolerância e a diversidade", disse o alto comissário da ONU para Refugiados.

4 O CONFLITO ARMADO NA SÍRIA E SEUS REFLEXOS POPULACIONAIS

Segundo Amorim (2015), o conflito da Síria que já se prolonga por 6 anos tem ocasionado reflexos dramáticos no contexto humanitário, em virtude do elevado quantitativo de vítimas bem como de deslocados e refugiados que tem infelizmente produzido. Destaque especial para a localidade de Aleppo, maior cidade síria e uma das mais notáveis do Oriente Médio, constituindo-se cenário de uma das mais sangrentas e nefastas batalhas entre forças legais e de rebeldes, cujas consequências permeiam quase que na totalidade o espectro de civis.

Ainda de acordo com Pereira (2017), a guerra ainda existente no Estado da Síria provocou uma crise humanitária de grandes proporções que já levou à emigração de aproximadamente de 5 (cinco) milhões de pessoas, das quais cerca de 50(cinquenta) por cento são crianças menores de 18(dezoito) anos.

A onda de migração já é designada como a mais elevada após o fim da Segunda Guerra Mundial estando a parcela mais latente dos refugiados localizada em nações do Oriente Médio, como Turquia, Líbano, Jordânia e Egito, e da Europa (UNHCR, 2017).

O embate deflagrou-se através de contendas populares contra o regime tirânico do presidente sírio Bashar al-Assad na cidade de Deraa, na porção sudoeste da Síria. As insatisfações dos populares se emergiram de modo pacífica, no dia 26 de janeiro de 2011, após vários manifestantes adolescentes serem presos e torturados pelos policiais locais devido a pichações realizadas contra Assad no muro de sua escola. A polícia síria como reação realizou ações com certa dose de violência, assassinando centenas de milhares de sírios e recolhendo muitos outros (SYRIA'S, 2017).

A forte e contundente reação do Estado da Síria com objetivo de mitigar as reações dos opositores não foi exitosa, e em março do mesmo ano, o país já se envolvia com ataques em todo seu perímetro, os quais reivindicavam por maior abertura política e reformas econômicas (SADAT, 2015, p. 1).

Conforme Pereira (2017), hoje o Exército Rebelde Sírio e os apoiadores de Assad são apenas dois dos demais entes presentes no conflito sírio, aos quais se uniram os objetivos e a influência de uma série de outros nichos como

Estado Islâmico e Hezbollah, assim como de minorias étnicas como curdos, cristãos e ramificações.

Ainda de acordo com Pereira (2017), a região atrai o interesse de outros povos e nações, que, se sob um ponto de vista são receosos de que o conflito influencie revoltas dentro de seus próprios territórios, quanto, sob outro enfoque, aproveitam a oportunidade ou para apoiar o governo de Assad e tê-lo como seu aliado, exemplo típico do Irã, ou mesmo para retirá-lo e enviar alguém de sua confiança ao poder, como desejam a Arábia Saudita e outros países regionais.

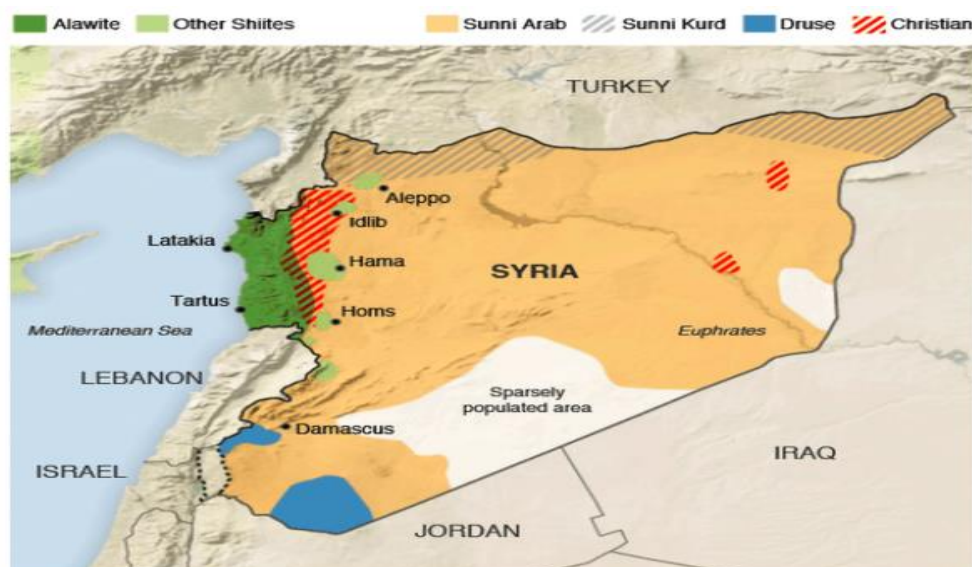
Em meio a esse jogo de interesses, Estados Unidos e Rússia disputam exercer influência política, econômica e militar sobre a região em estudo, apoiados por seus respectivos aliados (MALANTOWICZ, 2013; SYRIA' S, 2017).

O embate de repercussão internacional já deixou mais de 470 mil sírios mortos, dos quais 55 mil eram menores de idade, sendo infelizmente local de crimes de guerra, inclusive como o emprego e disseminação de armas químicas, ataques a civis, estupros e execuções em massa (UN: BOTH, 2017).

Assim sendo, esse falido contexto de guerra, pobreza e enfraquecimento do Estado remeteu a uma fuga em grande massa de locais nacionais para outros países em busca de proteção. A travessia, executada por contrabandistas, é demasiadamente cercada de perigos e ameaças, onde muitos de refugiados já morreram (MINTEH, 2016).

4.1 A GUERRA NA SÍRIA

Segundo Consoni (2017), a história Síria foi marcada pelo embate entre variados impérios estrangeiros por seu território como “egípcios, hititas, assírios, persas, macedônios, gregos, romanos, mongóis, turcos, britânicos e franceses. Somente durante o Califado Omíada nos séculos VII e VIII d.C. se tornou o centro de um império”.²⁶ O que a deixou com uma herança pelos muitos séculos seguintes, fazendo sua população esmagadoramente de muçulmanos.



Fonte: Columbia University Gulf 2000 Project/Bill Marsh and Joe Burgess (2000).

Figura 17 – O conflito da Síria

Fonte: Wikipédia 2018

Já de acordo com Wieblush (2018), a Síria, ou República Árabe Síria, está situada no continente asiático, localizada no Oriente Médio. Hoje em dia, de acordo com o Banco Mundial (2018), a população síria é de cerca de 18,27 milhões de habitantes, distribuída em torno de 185.180km².

O território hoje compreendido como Síria, Líbano, Jordânia, Israel e o que resta da Palestina fora, por mais de quatrocentos anos, conhecido simplesmente como Síria, ou, mais especificamente, como Províncias Sírias do Império Otomano (CHAITANI, 2007, p. X). A segmentação do espaço em diferentes Estados só ocorreu com o fim da Primeira Guerra Mundial, quando o Império Britânico e a França assinaram com os otomanos o Tratado de Sèvres em 1920, por meio do qual os dois países europeus dividiram entre si a administração de boa parte da região (BUNTON & CLEVELAND, 2009, p. 164).

Em 1970, emergiu para a liderança do governom local um jovem militar de origem humilde Hafiz al-Assad, que se manteve no cargo até sua morte, em 2000 (CLEVELAND & BURTON, p 397).

Segundo Pereira (2017), Assad foi responsável por garantir a estabilidade política dentro do país, e o partido, sob seu comando, contemplou uma visão com traços seculares e mais abertos ao pluralismo religioso (ANDERSON, 2015)

Ainda em Pereira (2017), durante o início de seu governo, Hafiz al-Assad desenvolveu melhorias na qualidade de vida da população campesina através do incremento do acesso à saúde e educação e também por intermédio de políticas de reforma agrária, assim como na economia do país a partir do financiamento de outros países do Oriente Médio. Foi responsável por manter certa estabilidade política no país, inclusive entre os diferentes grupos religiosos minoritários que ocupam seu território (HAVLOVÁ, 2015). Além disso, condicionou uma maior equidade de gênero, fomentando uma legislação concedente de direitos iguais para as mulheres e inclusive indicando uma mulher para o cargo de da Cultura em 1976.

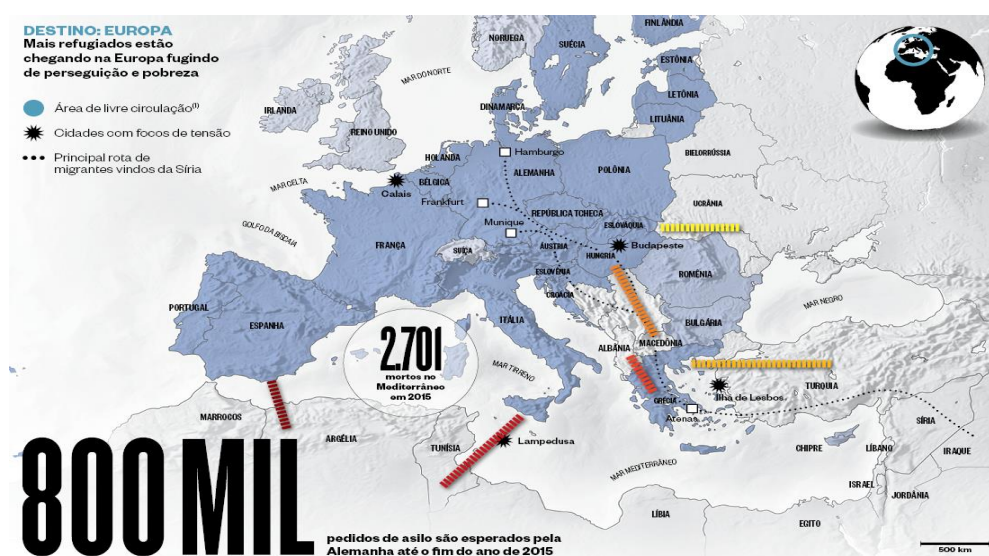


Figura 18 – .As migrações para a Europa
Fonte: Wikipédia 2020.

Entretanto, nem todas essas políticas obtiveram o êxito planejado: a reforma agrária foi limitada pela atitude egocêntrica dos grandes proprietários do país, que não compactuavam em ceder terras; o crescimento econômico, extremamente dependente da política dos outros países do Oriente Médio, não garantiu autonomia à Síria; a concessão do Estado à pluralidade de direitos em prol das mulheres esbarrou na resistência da sociedade em aceitar as mudanças e por fim a amplitude do sistema educacional não supriu o aumento da demanda populacional e no que tange a qualidade do ensino.

Afirma Pereira (2017), que o mandato de Hafiz al-Assad também foi marcado pela ampliação de seu poderio militar sob patrocínio soviético, bem como pela corrupção e pela restrição a liberdades individuais.

Com o falecimento de Hafiz al-Assad, o poder sírio passou às mãos de seu filho, Bashar al- Assad. O novo dirigente foi a fonte de esperanças para se iniciar um processo de abertura política que foi chamado de “Primavera de Damasco”, pelo qual prometia a democratização do país. No entanto, em meados de 2001, com o aumento de críticas ao seu governo, principalmente no que tange a corrupção, Assad acusou seus opositores de terem se unido aos inimigos da nação, e, no mês de agosto, retomou a política autoritária adotada sob o regime de seu pai. Assim, aumentou a censura a publicações artísticas e meios de comunicação e impediu ou manteve sob vigilância o acesso a determinados *sites* e mídias sociais. No setor da economia, enfatizou um plano de reforma que privatizou bancos e fomentou o ingresso de investimentos externos, apontado por críticos como atitudes voltadas ao enriquecimento da família Assad e de seus apoiadores, membros de uma elite corrupta (HALDEVANG, 2017).

Em julho do corrente ano de 2011, civis desertores do exército sírio compuseram o Exército Livre da Síria, grupo armado de oposição que emergiu com o intuito de lutar pela derrocada do governo de Bashar, dando o início do maior conflito armado do século XXI (SYRIA'S, 2017).

Demais facções se uniram em torno do conflito, como o Hezbollah e o Estado Islâmico, lidando com interesses múltiplos que se misturaram aos do presidente sírio e seus opositores, bem como de países da região do Oriente Médio e de outras partes do mundo (CARPENTER, 2013), como EUA, Rússia, China, França e Inglaterra (SYRIA CRISIS, 2015).

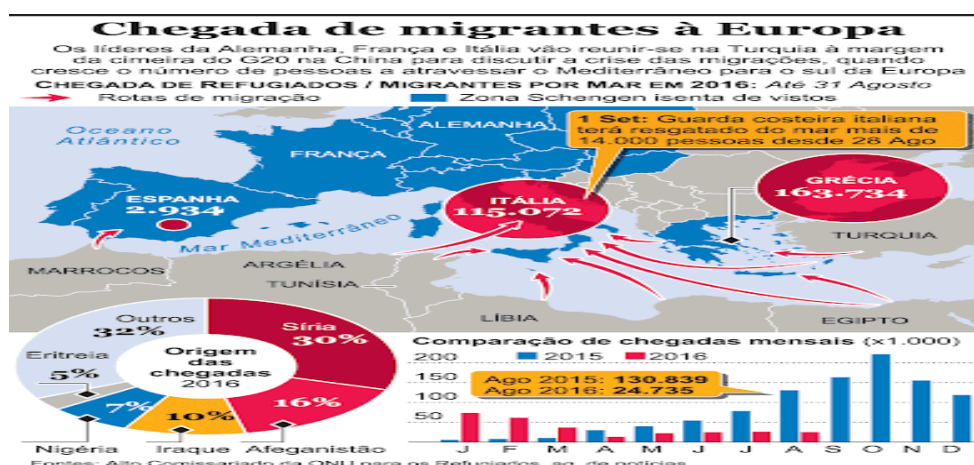


Figura 19 – A onda migratória à Europa

Fonte: ACNUR, 2016

Conforme Pereira (2017), nesse sentido, a Síria também tem sido motivo de tensão mundial entre importantes atores do panorama geopolítico internacional. De um lado, Estados Unidos e algumas nações do Velho Mundo, que pretendem derrubar o governo de Assad, contrário ao Ocidente, e, do outro, Rússia e China, importantes parceiros comerciais de longa data do governo sírio (CARPENTER, 2013). Já o grupo terrorista Estado Islâmico forma outra frente de choque, não só ao governo de Assad, mas também à aliança formada por EUA e seus aliados (HAVLOVÁ, 2015). Já no cenário interno, o principal grupo político opositor a Assad é a Coalizão Nacional Síria da Oposição e das Forças Revolucionárias, do qual faz parte o Exército Livre Sírio e que é reconhecido por Estados Unidos e seus aliados como legítimo representante do povo sírio (US, 2012, p. xv). Outros grupos, de menor intensidade, também integram a oposição ao regime, cada um com seus próprios ideais, constituindo um quadro extremamente segmentado na luta contra Assad (HAVLOVÁ, 2015).

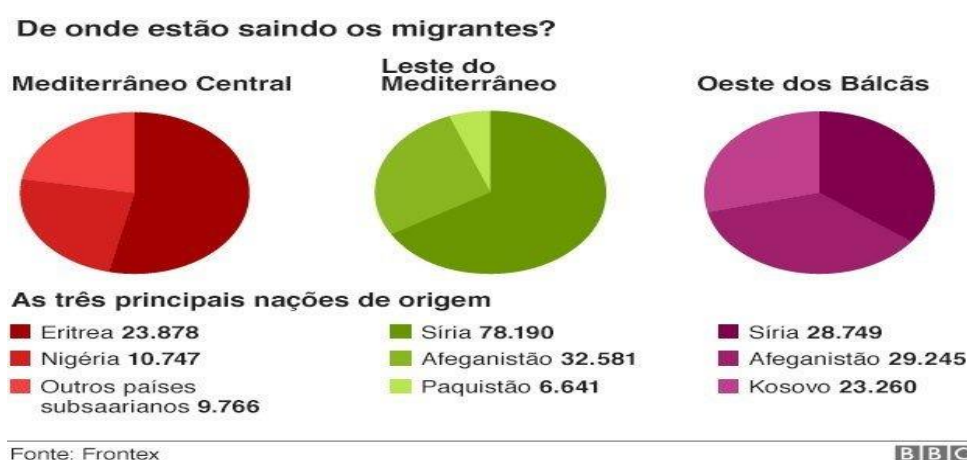


Figura 20 – O destino dos migrantes
Fonte: FRONTEX, 2016

A vitória dos opositores do governo também debilitaria um importante aliado do Irã, o Hezbollah. Com isso, o grupo fundamentalista islâmico, que tem base no Estado do Líbano, tem dado suporte militar ao governo sírio para manter alianças estratégicas. (JENKINS, 2014, pp. 3, 7).

Já a Rússia, por sua vez, tem a Síria como aliada no Oriente Médio, e manter o governo como está significa a manutenção de sua influência na região (PICCOLLI, MACHADO & MONTEIRO, 2016). Importante importador de seus produtos de

emprego militar, a Síria também abriga uma fundamental base naval militar utilizada pelas Forças Armadas russas, o porto de Tartus, que dá acessibilidade ao Mar Mediterrâneo. Por causa disso, o governo de Putin tem dado amplo apoio ao governante sírio por meio do suprimento de armas, helicópteros, sistemas de defesa aérea, treinamento de combatentes e aconselhamento militar. As atitudes russas, 3 tanto em território sírio quanto no plano político, fundam-se basicamente na defesa do direito internacional e da soberania dos Estados (PICCOLLI, MACHADO & MONTEIRO, 2016; RUSSIA, 2013).

Como principais adversários ao governo de Assad, entretanto, surgem nações como Arábia Saudita, Turquia e Estados Unidos. Os objetivos oscilam entre estes atores. No caso da Arábia Saudita e de seus aliados do Golfo Pérsico, pesa a rivalidade histórica com o Irã. Com a queda do governo sírio, sauditas pretendem isolar ainda mais os iranianos na região, e para tanto contam com o apoio dos Estados Unidos. Os turcos também se aliaram também à luta pela derrocada de Assad, em grande parte também por motivo de divisões sectaristas em seu território. (CARPENTER, 2013; KARAVELI, 2012).

Essa imensa vastidão de motivações conflitantes delineou a guerra síria em um caleidoscópio de múltiplos atores que torna difícil tanto sua compreensão quanto a esperança de um fim.

4.2 OS REFLEXOS POPULACIONAIS ADVINDOS DO EMBATE SÍRIO

Segundo Guterres (2018), “Com um milhão de pessoas em fuga, outras milhões de pessoas deslocadas e milhares que continuam a atravessar a fronteira a cada dia, a Síria é uma espiral para a plena escala de desastre”, disse o Alto Comissário da ONU para Refugiados. “Estamos fazendo tudo o que podemos para ajudar, mas a capacidade de resposta humanitária internacional está perigosamente estendida. Esta tragédia tem que ser interrompida.”



Figura 21 – Refugiados sírios que fugiram vivem em situação precária em no Líbano
Fonte: ACNUR, 2016

a. Impactos nos países do Oriente Médio

Segundo Pereira (2017), com a organização não governamental Human Rights Watch, a realidade no país é sofrível, para a população civil e resta pouca alternativa que não seja a busca de abrigo em outro país, ainda que para isso seja impeditivo pôr a vida em risco para cruzar fronteiras secas ou marítimas, por terra ou por mar (HRW, 2017).

Ainda de acordo com Pereira (2017), em meados do primeiro ano do conflito, a maioria dos sírios que buscava refúgio era formada por pessoas providas de melhores condições financeiras e por jovens ativistas que estavam diretamente vinculados à organização da revolução e, assim, constavam como objetivos precípuos do regime. A posteriore, a motivação para o incremento do quantitativo de refugiados foi o decréscimo na situação de subsistência a partir da neutralização das cidades e vilarejos por bombardeios.(ÖZDEN, 2013, p. 4).

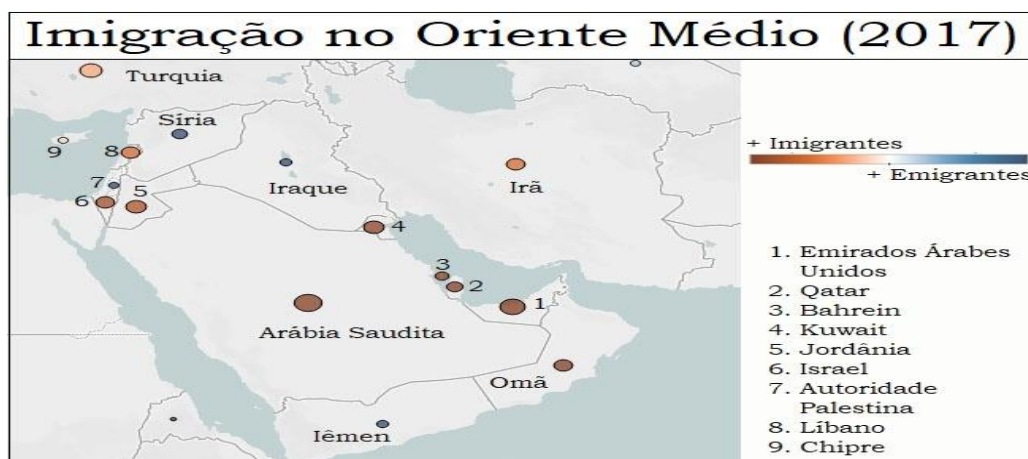


Figura 22 – A imigração no Oriente Médio

Fonte: Wikipédia, 2017

Até o mês setembro de 2017, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (UNHCR, 2017) já contabilizava 5.220.932 refugiados sírios registrados, dos quais cerca de 2,4 milhões seriam crianças (SYRIA'S, 2017), no entanto a população em campos de refugiados chegava a 464 mil pessoas. Da quantidade total de migrantes, mais de 4,5 milhões estão distribuídos entre países do Oriente Médio e do norte da África.(ACHIUME, 2015).

Nesse viés, o Líbano foi o país que, de modo proporcional, mais recebeu sírios em relação ao total : em 2015, registrava-se 1(um) milhão de refugiados para um total de 6 milhões de habitantes (UNHCR, 2017).

Já a nação que mais recebeu imigrantes sírios em números totais foi a Turquia, para onde foram mais de 3(três) milhões de refugiados (UNHCR, 2017). Além dos óbices impostos aos sírios que já estão em seu território, que lidam diariamente com a dificuldade de assimilação pela falta de infraestrutura turca, as autoridades da fronteira começaram a aumentar a restrição para o ingresso de refugiados e têm inclusive feito uso de violência contra migrantes, utilizando canhões de água e até mesmo armas de fogo contra os sírios.

Logo após a Turquia e Líbano, o país que mais recebeu pessoas por conta da guerra foi a Jordânia, que tem em seu território mais de 650 mil refugiados (UNHCR, 2017). No entanto, depois de uma ofensiva terrorista promovida pelo Estado Islâmico que matou seis soldados em um de seus campos de refugiados, o país também fechou suas fronteiras e bloqueou assistência (HRW, 2017).

Ainda de acordo com Pereira (2017), em grande monta, as dificuldades pelas

quais os sírios convivem no Oriente Médio originam da ausência de infraestrutura que os países da região têm para abrigá-los. Elevada taxa no desemprego, aumento de preços sobre bens de consumo, sobrecarga em serviços básicos como saúde e educação são elementos representativos do que se passa com os países vizinhos da Síria (ÖZDEN,2013, p. 1),

b. Impactos na Europa

Segundo Wiebush (2018), para o ACNUR, o acréscimo no fluxo de migrações para a Europa ocorre, principalmente em decorrência da guerra civil iniciada na Síria em 2011, impactada pelo recrudescimento do poder do grupo extremista Estado Islâmico. No entanto, “as guerras civis, a invasão de militantes jihadistas e as perseguições étnicas já ocorrem há no mínimo quatro anos” (DW Brasil, 2015, texto digital). Conforme os dados divulgados pela ACNUR, no ano de 2015, 3,9 milhões de refugiados sírios já haviam sido consolidados em países vizinhos, além de outros 8 milhões que se deslocaram dentro do próprio Estado.

O continente europeu abriga cerca de um milhão de pessoas atravessando as fronteiras europeias em busca de proteção desde 2011 (UNHCR, 2017a). Não obstante, a reação dos países europeus quanto ao influxo em massa de pessoas tem se fragmentado: alguns empregaram políticas mais simpáticas à entrada de refugiados, como a Alemanha e a Suécia (MINTEH, 2016); já outros, como a Hungria, têm postulado o cerramento de suas fronteiras (KELLIHER, 2016). Contudo, o continente europeu recebeu, menos de um quinto do total de solicitações de refúgio sírios, o que mantém a alta concentração de refugiados nos países do Oriente Médio.



Figura 23 – As principais rotas migracionais
Fonte: ACNUR, 2016

Uma das principais rotas empregadas pelos refugiados para atingir o continente europeu é marítimo. Os sírios, na maioria das vezes emigrados da Turquia, contactam contrabandistas que os fazem culminar ao continente europeu pela Grécia em uma travessia perigosa. (UNHCR, 2016b). A imagem abaixo aponta o fluxo migratório que parte da Turquia em direção à Europa.



Figura 24 – Refugiados sírios e iraquianos vindos da Turquia chegam às águas costeiras da ilha grega de Lesbos, após atravessarem parte do Mar Egeu
Fonte: Wikipédia, 2018.

Nesse cenário, algumas medidas são usadas pela União Europeia para arrefecer o ingresso massivo de imigrantes em suas fronteiras foi o acordo firmado em 2016 com a Turquia para retardar a entrada irregular de sírios na Grécia provenientes da Turquia. A União Europeia também prestou um auxílio de 6 bilhões de euros para o governo turco custear com os gastos referentes à devolução destes imigrantes. Por trás do acordo, muitos alegam haver interesses políticos e econômicos de ambas as partes que podem estar chegando à violação dos direitos de refugiados previstos na legislação internacional (BORGES, 2017).

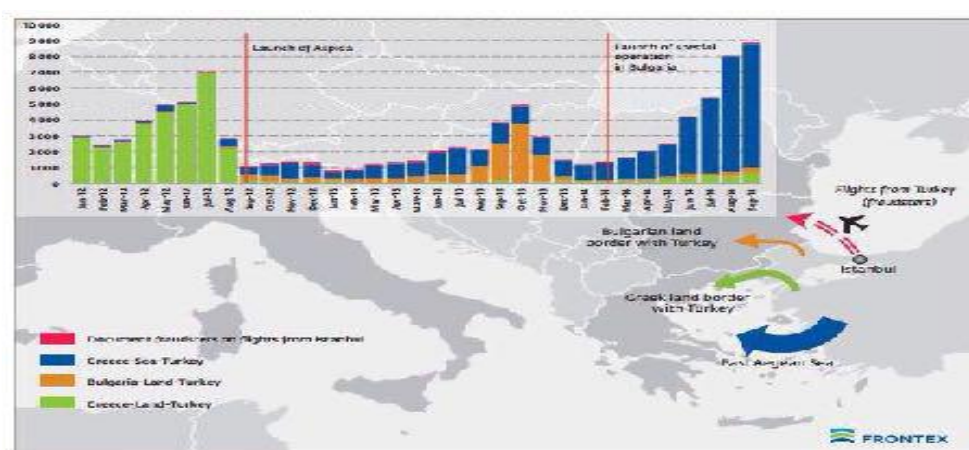


Figura 25 – Os principais destinos sírios
Fonte: ACNUR, 2016

Uma grande quantidade de refugiados de sírios já faleceram no meio do caminho, a maioria afogados após os flutuantes e barcos em que estavam, sem estrutura para guarnecer quantidades tão grandes de pessoas, afundarem no meio do mar (UNHCR, 2016b)

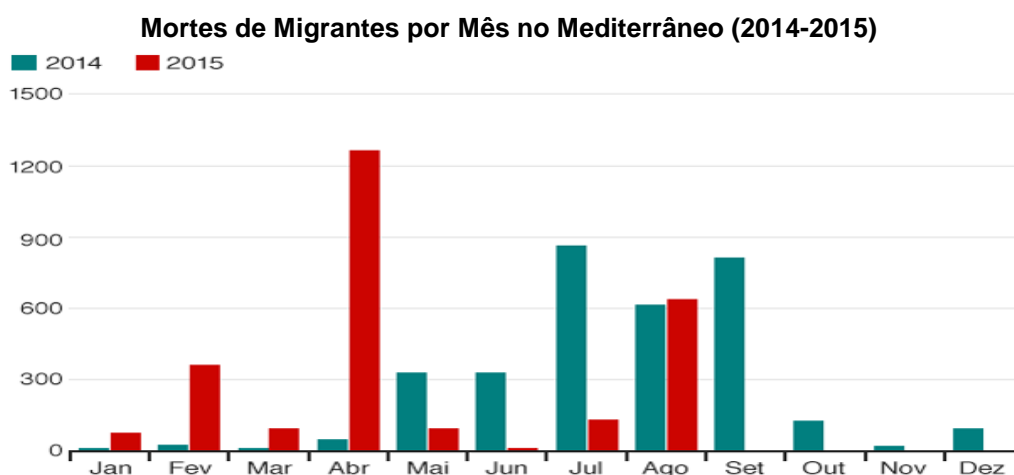


Figura 26 – As mortes no Mar Mediterrâneo por imigrantes
Fonte: BBC, 2015.

Ao atingirem terra firme, os estão inerentes a interrogatórios e detenções por parte das polícias locais europeias (CAMPBELL, 2017). Os julgamentos normalmente são demorados e as condições das prisões desumanas. (BORG-BARTHET, 2017).

Segundo Pereira (2017), no continente europeu, a rejeição em relação aos refugiados cresce, movida por grupos e partidários de extrema-direita que, em um fenômeno que já se alastra por todo o Ocidente, crescem paralelamente ao temor de

um percentual da população que se sente ameaçada pela chegada de estrangeiros a seu território. A propagação de ataques terroristas pelo continente europeu nos últimos anos, o acréscimo no nível de desemprego e crises de identidade nacional são fatores que levam uma parte expressiva de europeus a pressionar seus governantes a fecharem suas fronteiras (ZIZEK, 2017; HALL, 2006).

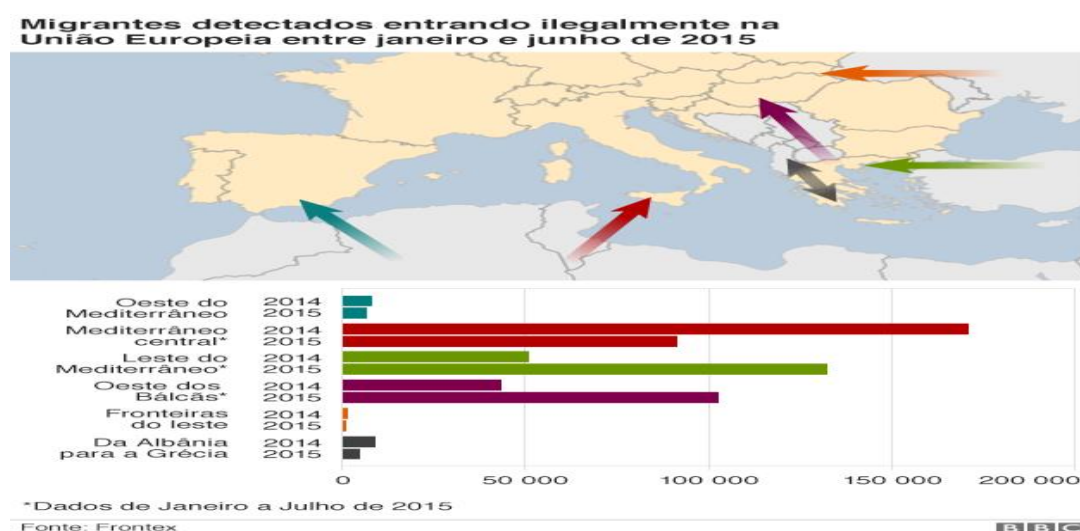


Figura 27 – A entrada ilegal de migrantes
Fonte: ACNUR, 2016

O artigo 2º do Tratado de Maastricht afirma que um dos intuitos da UE é manter e promover a União como um espaço de liberdade, segurança e justiça em que a livre circulação é conservada pela composição de medidas corretas em matéria de controle de fronteiras externas, de asilo, imigração e de prevenção e combate à criminalidade.

O objetivo primordial do Tratado em matéria de imigração é determinar uma abordagem ajustada para a imigração no sentido de estabelecer um enfoque para resguardar a imigração legal e enfrentar a imigração ilegal, no sentido de melhorar as medidas de combate à imigração indocumentada e promover a cooperação com os países não membros em todas as áreas.

5 O FLUXO MIGRATÓRIO ORIUNDO DA TENSÃO ISRAEL X PALESTINOS

5.1 A QUESTÃO ISRAEL E PALESTINA

Segundo Sthepan (2010), a Questão Palestina é originária ao final da I Grande Guerra, com a instituição do “sistema de mandato” , instituído também na Palestina, fomentado pela Liga das Nações e corroborado pelos Estados Unidos, a

fim de eliminarr o colonialismo e incentivar independências gradualmente nas áreas de domínios alemão e turco, inserindo-se aqui a região do Oriente Médio (MARGULIES, 1967).

A Palestina era um protetorado do Reino Unido quando, em 1922, o Secretário do Exterior britânico, James Balfour, firmou a Declaração Balfour. A declaração concedia aos judeus seus esforços para a construção de um “lar nacional” naquela localidade (BALFOUR, 1917).

Para entender a complicada questão palestina, é vital relembrar que a região ondenos dias de hoje se localiza o Estado de Israel e a nação Palestina, na era cristã, situava-se sob dominação dos romanos, que rejeitaram o povo judeu que se espalhou por diversos países, especialmente europeus. Em seguida a ocupação romana, essa região, chamada Palestina, foi povoada por povos de origem árabe, que ficaram denominados como palestinos.

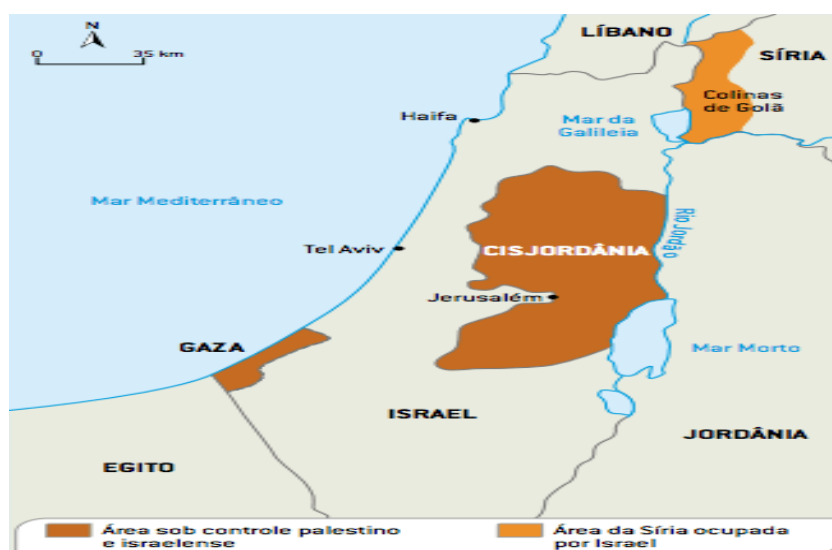


Figura 28 – A questão de Israel
Fonte: Wikipédia, 2015.

Ainda segundo Sthepan (2010), uma proposta de divisão da Palestina pela ONU em dois Estados, um judeu e um árabe. Permaneceria ao Estado judeu 56,5% das terras palestinas, ao Estado árabe 42,9% dessas posses e Jerusalém tornaria sob controle internacional, ao final do mandato britânico na Palestina. Se a negociação tivesse sucesso, a divisão sucederia a partir de maio de 1948 (OLIC, 1991).

A proposta de divisão da Palestina foi prontamente refutada pelos árabes,

pois além do estabelecimento dos judeus em uma área mais abrangente que a oferta aos árabes, notaram o favorecimento às intenções sionistas de alavancar a “Grande Israel”, pontos rejeitados pelos árabes.

De acordo com Sthepan (2010), sob a rejeição da partilha pelos árabes, foi consolidado em 1948 o Estado de Israel na Palestina, sob o governo temporário judeu de David Ben-Gurion, com alicerce e reconhecimento dos Estados Unidos e da então União Soviética. De pronto, 05 (cinco) nações árabes se aliaram na chamada guerra de Al Nakba ou “a tragédia” em árabe, nomeada como a Guerra da Independência pelos judeus. Este embate, arrolando Egito, Síria, Líbano, Iraque e Jordânia versus o recém-criado Estado de Israel, foi o marco dos conflitos que envolvem a Questão Palestina.



Figura 29 – Ben Gurion proclama o Estado de Israel
Fonte: Wikipédia, 2020.

Em 1949 os árabes foram derrotados e também 77,4% do território total da região da Palestina para Israel, compreendendo a Cisjordânia e a parte árabe de Jerusalém para a Jordânia, e a Faixa de Gaza para o Egito. Israel é permitido como membro da ONU, e ignorando a Resolução 194, de 6 da Assembléia Geral da ONU, não corresponde aos refugiados o retorno à “Palestina” e permite a livre permissão de judeus originários de todos os cantos do mundo. Muitos árabes emigraram de Israel tornando-se refugiados, a maior parte em direção à Jordânia e também à Síria e ao Líbano (SALEM, 1991).

Em 1967 um outro fato veio a tona, Israel permanece na Península do Sinai, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia e as Colinas de Golã, na Guerra dos Seis Dias, e insiste em relegar mais uma resolução, a Resolução 242 do Conselho de Segurança

da ONU. Até esse instante a questão dos refugiados palestinos permanecia morna e de certa forma ignorada.

Conforme Stheban (2010), a questão árabe-israelense retornou como assunto importante internacionalmente a partir de 1978, através da assinatura dos Acordos de Camp David entre os governos do Egito e de Israel, intermediado pelo então Presidente dos EUA Jimmy Carter, de acordo ao reconhecimento do Estado de Israel pelo então presidente Egípcio Anuar Sadate.

5.2 O EFEITO MIGRATÓRIO RESULTANTE

De acordo com Stheban (2010), a saída em massa dos palestinos de Israel, quer pela guerra ou pelos assentamentos não legalizados, provocou um novo e complexo cenário, senão mais preocupante que o próprio impasse da divisão do antigo território palestino: uma grande quantidade de refugiados nos países árabes limdeiros, como na Síria, no Líbano e, especificamente, na Jordânia.

A realidade sócio-econômica destes campos de refugiados é bastante deficiente. Os campos apresentam instalações e estruturas que tentam auxiliar os refugiados da melhor forma possível, porém demandam de infraestrutura básica, como esgotos, água e estradas, obstaculizando ainda mais a convivência de tantas pessoas no interior de um espaço limitado (UNRWA, 2010).

De acordo com a UNRWA, 33% dos refugiados palestinos registrados, cerca de 1.4 milhões, habitam em 58 campos de refugiados localizados na área de Operações na Jordânia, no Líbano, na Síria, na Cisjordânia e na Faixa da Gaza. Os outros 66% moram nas cercanías dos campos administrados pela UNRWA ou nas cidades limítrofes, onde se localizam também escolas e postos de saúde a parte dos campos, abertos a refugiados e não refugiados. A Jordânia possui o maior efetivo de refugiados palestinos, segundo a UNRWA. De um total de 58 campos de refugiados administrados pela UNRWA, 10 campos estão consolidados na Jordânia. Do total de 4.7 milhões de refugiados assinalados, 1.983.733 milhão estão na Jordânia. E do total de 1.396.368 milhão de refugiados mensurados nos campos, 341.494 mil estão em locais e abrigos na Jordânia (UNRWA, 2010) .



Figura 30 – Reprodução/UNHCR – The Italian Coastguard / Massimo Sestini
Fonte: ACNUR, 2016

O Líbano comporta 425,640 mil refugiados palestinos registrados, dos quais 226,533 mil vivem em 12 campos de refugiados sob a direção da UNRWA, localizados em múltiplas regiões do país (UNRWA, 2010).

Já a Síria, conforme Stephan (2010) também possui outros 472,109 mil refugiados palestinos. Deste cômputo, 127,831 mil habitam em 9(nove) campos de refugiados da UNRWA (UNRWA, 2010). O contexto é ainda mais crítico e impactante nos campos da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, de acordo ao bloqueio israelense que impossibilita a livre circulação de palestinos. No que se refere a Cisjordânia, esta contempla 778,993 mil refugiados palestinos registrados, dos quais 197,763 mil vivem em 19 campos da UNRWA. No entanto, os óbices nessa região vão muito além da situação deficiente dos campos de refugiados de outros países (UNRWA, 2010).

Levando em consideração as condições na Faixa de Gaza essas são efetivamente as mesmas da Cisjordânia, porém os refugiados são em maior quantidade. Nesta região habitam 1,106,195 milhão de refugiados palestinos, dos quais 502,747 mil moram em 8 campos (UNRWA, 2010).



Figura 30 – .Os efeitos da guerra
Fonte: Wikipédia, 2018.

Por fim, mesmo com a ajuda humanitária que os refugiados palestinos recebem, a realidade em que se encontram é sofrida, e nem mesmos os órgãos especializados e agências da ONU conseguem suplantar a todos ou suprir todas as requisições básicas a que se propõem, pois carecem de um orçamento anual e de doações.

6. O DESLOCAMENTO POPULACIONAL NO IÊMEN A PARTIR DO CHOQUE DE INTERESSES ENTRE A ARÁBIA SAUDITA E O IRÃ

6.1 O CONFLITO DO IÊMEN

Segundo Wiebush (2018), a questão do Iêmen teve origem quando o então presidente do Iêmen, Ali Abdullah Saleh, foi o quarto líder árabe a ser forçado a deixar o poder, no contexto das manifestações inseridas durante a chamada Primavera Árabe de 2011. As manifestações se iniciaram em janeiro de no ano em questão pedindo o fim do governo de Saleh, mas o mesmo havia prometido não concorrer à reeleição. Isso, contudo, não impediu que os protestos se espalhassem.



Figura 31- Arábia Saudita e Emirados Árabes e as forças pró-governo no Iêmen
Fonte: ACNUR, 2016

Desde que a guerra civil iniciou-se em 2014, a fome, as chuvas incessantes, as inundações frequentes, a crise de combustível, a praga do enxame de gafanhotos e a cólera devastaram o país. O principal objetivo dos protestos era a reforma da constituição para acelerar a economia do país e reduzir as altas taxas de desemprego. As forças governamentais reprimiram com violência as manifestações, e no mesmo momento, o grupo terrorista Al Qaeda deu início a atos violentos no sul do país.

Desde sempre o conflito opõe rebeldes xiitas houthis, com predominância às forças sunitas ligadas ao governo, apoiadas pela aliança internacional liderada pelos árabes da Arábia Saudita, e que deixou o Iêmen numa situação de grave crise. Os serviços públicos foram deteriorados e o serviço nacional de saúde está em caos.

Com o intuito de retornar ao poder, o antigo presidente Saleh, aliou-se militarmente aos seus inimigos: os houthis. Em 2014, os houthis e Saleh marcharam sobre a capital do Iêmen, Sana, para levar a toque um golpe de estado. Com a vitória conquistada, Ali Abdullah Saleh proclamou-se novamente como presidente do Iêmen.

Logo após o então presidente foi assassinado pelos seus apoiadores, acusado de traição por manter e estabelecer diálogo perante a Arábia Saudita.

O Iêmen encontra-se envolto por uma guerra civil, desde a permanência da capital pelos rebeldes houthis, em 2015. O país está assolado numa crise humanitária sem comparativos e que envolve 80% da população.

Segundo a OCHA(Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários) aproximadamente de 20 (vinte) milhões de pessoas no Iêmen precisam de apoio humanitário. Mais de 16(dezesseis) milhões sofrem de insegurança alimentar e 5(cinco) milhões estão em risco de morrer à fome.

O Iêmen arrisca-se a enfrentar “a maior fome do mundo em 100 anos”, alertou a coordenadora humanitária da ONU no Iêmen, Lise Grande. Segundo a coordenadora, 13 milhões de civis podem morrer à fome se as forças lideradas pela coligação da Arábia Saudita não puserem fim aos bombardeamentos que assolam o país.

Segundo Guterres (2019), “Estou solidário com os milhões de iemenitas que sofrem. As Nações Unidas e a comunidade internacional, em geral, estão com vocês a cada passo do vosso caminho. Inshallah (“se Deus quiser”), juntos podemos acabar com o sofrimento no Iêmen”, disse o secretário-geral, em declarações na conferência de doadores para a crise no Iêmen, realizada em Genebra, a 26 de fevereiro de 2019.

O atual conflito contemporâneo é a principal origem da insegurança alimentar no Iêmen. A guerra deteriorou os meios de subsistência e retraiu a capacidade das famílias para comprar alimentos. Em seguida ao início da

guerra, o preço médio dos alimentos elevou-se em cerca de 150%. Já em 2018, o valor agregado dos combustíveis subiu 200% impactando de forma danosa os setores da agricultura, o abastecimento de água, os transportes, a eletricidade, a saúde e o saneamento básico.

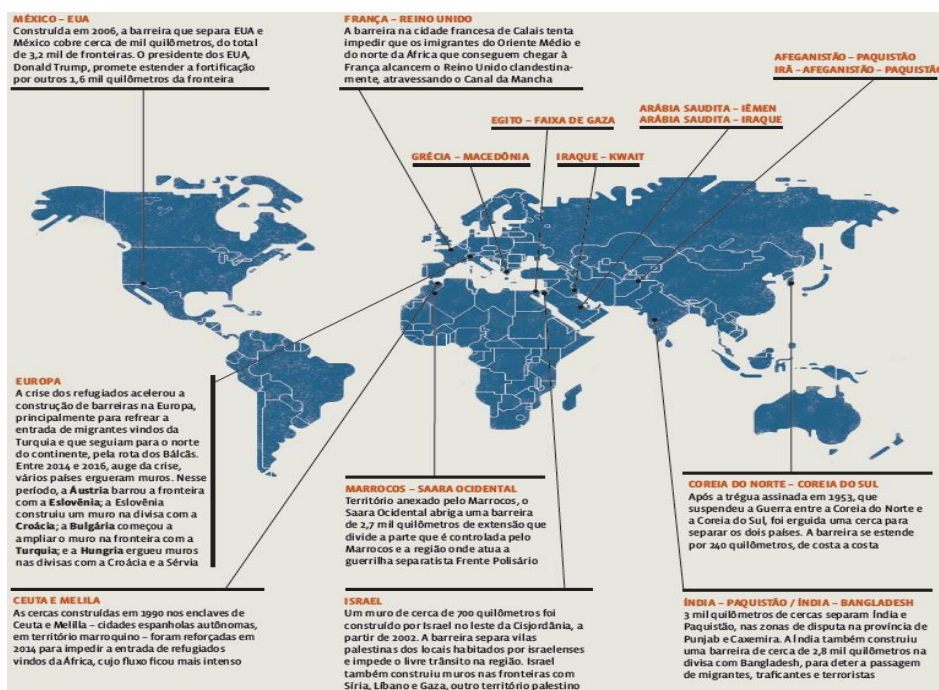


Figura 32 -Os conflitos pelo mundo
Fonte: Wikipédia, 2016

Ainda conforme Guterres (2019) em seu discurso como secretário-geral da ONU :“O Iêmen não pode esperar”.

6.2 O INTERESSE DA ARÁBIA SAUDITA

Com o advento do século XXI, reformas foram propostas e empreendidas em certos âmbitos do reino saudita. No setor econômico, há uma grande busca por diversificação dos 42 setores econômicos nacionais para reduzir sua dependência das receitas do energético, enquanto, no governamental, formaram-se meios de comunicação o debate entre o regime e seus variados grupos populacionais a fim de delimitar conjuntamente os rumos que o país está tomando e sua estrutura política, com isso vislumbrando a localidade estratégica e futuros poços de petróleo na região hoje ocupada pelo território iemenita.(KRANE, 2019; WEHREY, 2014).

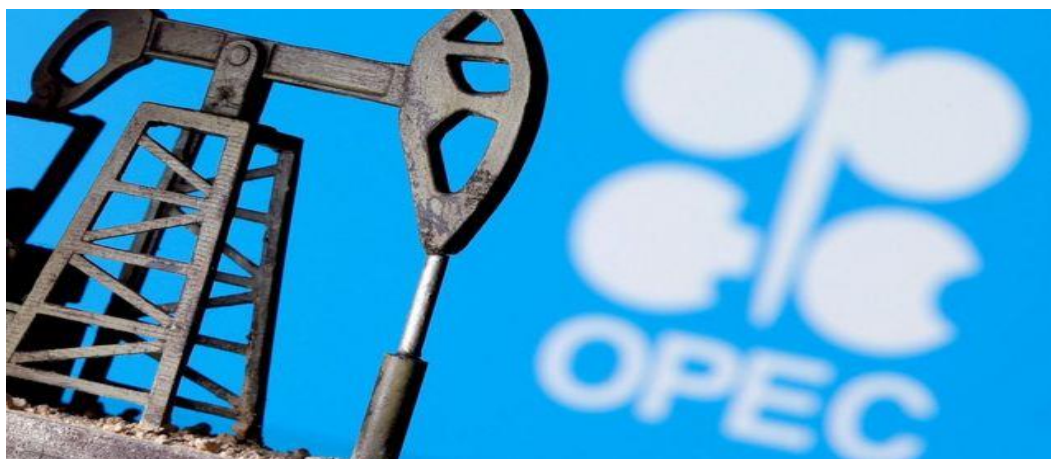


Figura 33 - Crédito, Reuters - OPEP e seus aliados e reunião sobre cotas de produção de petróleo

Fonte: Wikipédia, 2021

6.3 O OBJETIVO IRANIANO

Em 1979, o xá Reza Pahlev, frente a falta de controle sobre a insurreição, alijou o poder e saiu do país. O líder religioso aiatolá Ruholá Khomeini retornou ao país natal de maneira triunfal como líder da **Revolução Fundamentalista**, oriundo de um exílio imposto, na França.

Em 1º de abril, foi consolidada a criação da **República Islâmica do Irã**, originando a composição de um Estado Teocrático, suplantado pela Guarda Revolucionária, cuja autoridade central seria o aiatolá, chefe religioso superior (o presidente eleito pelos populares, não obstante ficaria submisso ao poder do aiatolá).

A revolução que tomou as ruas de Teerã e modificou a monarquia em república islâmica transformou o poder local e suas relações e suas percepções, buscando com isso expandir o regime e apoiar a oposição iemenita, em sua maior parte xiita. (AL-BADI, 2017).

6.4 O EFEITO POPULACIONAL ORIGINÁRIO DA GUERRA

Segundo o coordenador humanitário das Nações Unidas no Iêmen, Johannes Van Der Klaauw, advertiu para o crescimento da violência na província de Amran, responsável pelo movimento de milhares de famílias, principalmente crianças, nos últimos dias.

“Estou profundamente preocupado com a segurança e o bem-estar dos civis sitiados pelos conflitos”. Todos têm a obrigatoriedade de manter que eles fiquem a salvo dos embates e que os que estão afetados pela situação sejam realocados para regiões mais seguras.”

Segundo relatórios mais recentes, mais de 200 (duzentos) civis foram assassinados e outros vários ficaram presos na zona de conflito da capital Amran. A renovação do conflito ocorre no cenário de um cessar-fogo firmado em 4 de junho na província, após impactantes combates ao redor da capital entre as forças do governo e militantes do grupo Al Houthi.



Figura 34 Depois que o barco de um contrabandista virou, sobreviventes resgatados foram atendidos no porto de Áden em março de 2009.
Fonte : ACNUR, 2016

De acordo com o Escritório das Nações Unidas de Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA), o conflito presente no Iêmen faz as demandas humanitárias evoluírem prontamente, assim como a quantidade de pessoas que são obrigadas a saírem de suas casas, não sendo possível apontar o número exato de deslocados internos. Parcela deles já foi obrigada a migrar duas vezes. “As carências mais prementes são abrigo, comida, água, proteção e assistência médica”, declarou o escritório.

7. O CONFLITO NO IRAQUE E SEUS EFEITOS POPULACIONAIS

7.1 O CONFLITO NO IRAQUE

Após a invasão dos Estados Unidos da América em no ano de 2003, os mesmos derrubaram o regime de Saddam Hussein em apenas três semanas de guerra contra os iraquianos, com um reduzido quantitativo de baixas em combate. Porém, essa vitória foi alcançada ao preço de um isolamento internacional.



Figura 35 – O conflito no Iraque
Fontes: Wikipédia, 2019.

A ação depreendida pelos EUA foi de caráter unilateral onde a ONU recusou-se a legitimar a ação militar anglo-americana, mesmo após a denúncia (nunca comprovada) de que o Iraque teria em seu poder armas de destruição em massa, o que revelaria uma grande ameaça à segurança dos demais países.



Figura 36- O atentado aos EUA
Fonte: Wikipédia, 2015

Esta ação provocou uma divisão entre os países ocidentais. França e Alemanha se mantiveram contrários à intervenção militar. Também Rússia e China, que contribuem com os EUA nas ações de combate ao terrorismo, recusaram-se oferecer apoio. A Espanha, no entanto, posicionou-se a favor de Washington, assim como fez o Reino Unido, o qual enviou tropas para o Golfo Pérsico, constituindo juntamente com os norte-americanos as forças de coalizão.

O empreendimento militar foi uma opção eminentemente política e estratégica do então presidente a época de George W. Bush. Na sua visão, os EUA se equivocaram em 1991 ao barrar a ofensiva vitoriosa das tropas norte-americanas na fronteira com o Iraque, ao invés de avançar até Bagdá.

Os norte-americanos estavam receosos que a derrocada de Saddam oferecesse caminho à consolidação de uma República Curda na região norte do Iraque, o que provocaria reivindicações territoriais dos curdos da Turquia.



Figura 37- A questão curda
Fonte: Wikipédia, 2016

Os EUA e o Reino Unido desde o início tiveram a iniciativa do combate a com um maciço bombardeio em 20 de março de 2003. O líder iraquiano foi capitulado em dezembro de 2003, nas proximidades de Tikrit.

7.2 A CONSEQUÊNCIA POPULACIONAL



Figura 38 - Refugiada iraquiana carrega seu filho próximo à fronteira norte da Grécia
Fonte: ACNUR, 2016

Segundo a Acnur (2017), o efetivo de pessoas que atravessaram o Mediterrâneo cresceu de forma constante desde janeiro, quando foram anotadas 5,5 mil pessoas, até outubro, quando o quantitativo de registros atingiu ao pico mês a mês de mais de 221 mil refugiados e migrantes. Enquanto isso, mais de 3,6 mil pessoas morreram ou se tornaram extraviadas.



Figura 39 -Secretário-geral da ONU, Ban Ki-Moon (à esquerda), com a chanceler alemã Angela Merkel.
Fonte:Wikipédia, 2018

Em visita aos refugiados situados ao longo do norte do Iraque, o secretário-geral, a época das Nações Unidas, Ban Ki-Moon, chamou como “de partir o coração” o que presenciou no campo de Kawrgosik e se disse triste por

verificar tantas crianças, mulheres e pessoas em situação de vulnerabilidade adoecendo desta “tragédia feita pelo homem”.



Figura 40 - Secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, em visita ao campo de refugiados em Kawrgosik, no Curdistão iraquiano.

Fonte:ONU, 2018 .

Ainda segundo Ki-Moon (2016), “Estou aqui para enviar nossa forte solidariedade e apoio a todos os refugiados que vieram dos conflitos e da guerra civil, em nome das Nações Unidas e da comunidade internacional. Também estamos aqui para escutar as preocupações e aspirações de todos os refugiados”, disse Ban.

8. CONCLUSÃO

O deslocamento forçado teve um crescimento desde o início do século XXI, alcançando níveis ímpares em 2016, que configuram a atual crise de refugiados e grande parte dos movimentos populacionais oriundos do Oriente Médio. Até o findar de 2015, aproximadamente 65 milhões de pessoas foram forçadas a deixarem suas regiões, em virtude de perseguição, conflitos armados, violência generalizada ou violações de direitos humanos. Em uma população mundial de cerca de 7 bilhões de pessoas, isso mostra que uma a cada 113 pessoas é hoje solicitante de refúgio, deslocado interno ou refugiado (ACNUR, 2016).

A grande maioria desses refugiados, oriundos do Oriente Médio, é consequência da série de combates armados e guerras civis que degradam e assolam a região. Em países como o Iraque e a Síria, conflitos armados ocorrem diuturnamente, provocando a destruição e o desmantelamento de instituições estatais e sociais que obrigam milhares de pessoas a buscar refúgio em países vizinhos e em outras regiões mais distantes, como o rico e desenvolvido em sua grande parte o continente europeu.

A Síria foi o país de saída do maior percentual dos refugiados em 2015. Infere-se que 4,9 milhões de refugiados sírios estejam sob custódia do ACNUR, os quais buscam abrigo, principalmente nos Estados fronteiriços, como Turquia, Líbano, Jordânia, Iraque e Egito. Isso ocorre, pois, dessemelhantermente do que se observa nas bases de comunicação ocidental, normalmente, o primeiro local dos deslocados forçados são as regiões mais próximas de seu país de origem, impactando sobremaneira as suas condições sociais e econômicas locais.

O atual fluxo de refugiados tem uma de suas motivações na instabilidade regional enfrentada por várias localidades do Oriente Médio, desde a Primavera Árabe, iniciada em 2011, da qual fomentaram várias guerras civis de grande vulto e conflitos étnico-religiosos, conjuntamente com o aparecimento de inúmeros grupos fundamentalistas islâmicos em virtude da queda dos regimes, da pouca capilaridade e da fragilidade do Estado e de seus exércitos, incapazes de conter os novos grupos radicais (BANDEIRA, 2014; COCKBURN, 2015a).

Ao longo deste trabalho de conclusão de curso, objetivou-se evidenciar como a atual crise de refugiados e o seu deslocamento populacional estão ligados a processos históricos de vasta amplitude, complexos e ambíguos, não sendo um evento isolado ou simplório. O passado como colônia e o imperialismo europeu se relacionam à atual conjuntura, desde a divisão artificial de regiões como o Oriente Médio, estimulando choques locais e determinando a forma como essas nações se inseririam na economia mundial.

Dessa forma, o deslocamento populacional oriundo dos conflitos ocorridos no Oriente Médio em pleno século XXI é resultado deste contexto, refletindo ações e efeitos em suas regiões limítrofes, bem como em porções do planeta mais desenvolvidas, pólos naturais de atratividade populacional, em que pese o paradoxo cultural, idiomático ou religioso. Essa problemática fica latente nas atuações dos países componentes da União Europeia em relação a crise dos refugiados, em que a falta de uma resposta ajustada e compartilhada está ligada à dificuldade dos processos de integração em alimentarem a lógica do Estado-Nação com os interesses da sociedade e do bem coletivo.

Por fim, a questão será solucionada ou amenizada a partir de ações conjuntas entre os países ou através de ações emanadas e coordenadas por organismos supranacionais de atuação e calibre globais, como expostos durante o desenvolvimento deste trabalho.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. **Segurança e Defesa no Cone Sul: da rivalidade da Guerra Fria à cooperação atual**. Ed Porto de Ideias. São Paulo, 2010.

ANDERSON, Tim (2015). **America's "Dirty War on Syria"**: Bashar al Assad and Political Reform. Global Research, 4 dez. 2015. Disponível em: <http://www.globalresearch.ca/americas-dirty-war-on-syria-bashar-al-assad-and-political-reform/5492661>. Acesso em 12 nov.2017.

AMORIM, Celso (2012). **Defesa Nacional e Pensamento Estratégico Brasileiro**. Conferência do Ministro da Defesa, Celso Amorim, na Abertura do Seminário Estratégias de Defesa Nacional, Brasfia, 27 Novembro 2012.

AMORIM, Celso (2013) .**Uma Política de Defesa para o Futuro**. Aula Magna do Ministro da Defesa no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), São José dos Campos, 25 Fevereiro 2013.

ARGENTINA. **Libro Blanco de la Defensa**. *Ministerio de la Defensa*. Ed. 2010.

ARIAS, Aimee Kanner; MAANEN, Guilherme K. van. **Segurança na América do Sul: a Unasul como ator de segurança regional**. In: OLIVEIRA, Marcos Aurélio Guedes. *Cultura de Defesa Sul-americana*. Editora Universitária. EFPE. Recife, 2013.

ADIB-MOGHADDAM, Arshin. **The International Politics of the Persian Gulf: A cultural genealogy**. Oxon e Nova Iorque: Routledge, 2006.

ADIB-MOGHADDAM, Arshin. **Iran in World Politics: The Question of the Islamic Republic**. Londres: Hurst & Co., 2007.

AHMAD, Jalal Al-i. **Occidentosis: A Plague From the West**. Berkeley: Mizan Press, 1984.

AL-RASHEED, Madawi. **A History of Saudi Arabia**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010

AL-RASHEED, Madawi. **Muted Modernists: The Struggle Over Divine Politics in Saudi Arabia**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **As políticas neoliberais e a crise na América do Sul**. Rev. bras. polít. int. vol.45 no.2 Brasília Jul/Dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003473292002000200007>.

BARROS, O. de. **Sinopse da história das relações externas brasileiras**. In: LESSA, M. L.; GONÇALVES, W. da S. (Org.). *História das Relações Internacionais: teorias e processos*. Rio de Janeiro. Ed UERJ, 2007. (p. 43-110).

BAUMAN, Zygmunt (2013). Europe Is Trapped Between Power And Politics. In: Roadmap to a Social Europe, pp. 14-18. Social Europe Report, ed. Anne-Marie Grozelier, Björn Hacker, Wolfgang Kowalsky, Jan Machnig, Henning Meyer and Brigitte Unger, out 2013. Disponível em <https://www.socialeurope.eu/book/ser-2-roadmap-to-a-social-europe>. Acesso em 27 nov 2017.

BHARDWAJ, Maya (2012). **Development of Conflict in Arab Spring Libya and Syria: From Revolution to Civil War**. The Washington University International Review. Washington, Vol.1, pp. 76-97 primavera de 2012. Disponível em: http://pages.wustl.edu/files/pages/imce/migration/wuir_spring_2012.pdf#page=76. Acesso em 11 nov. 2017.

BOUTHOU, Gaston. **Traité de polémologie: Sociologie des guerres**. Payot. Paris, 1991

BUZAN, Barry; WAEVER, Ole. **Regions and Powers: the structure of International Security**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BRASIL, Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília: 2016. Disponível em <<https://www.defesa.gov.br/estado-e-defesa/estrategia-nacional-de-defesa>>. Acesso em 27 fev. 2020.

_____, Ministério da Defesa. **Política Nacional de Defesa – Estratégia Nacional de Defesa**, Brasília: 2016. Disponível em <https://www.defesa.gov.br/arquivos/estado_e_defesa/ENDPND_Optimized.pdf>. Acesso em 27 fev. 2020.

_____. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Diretriz para as Atividades do Exército Brasileiro na Área Internacional**. Brasília: 2013. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/00123820601e3ba92417c>>. Acesso em 24 mar 2020.

_____. Ministério da Defesa. **Relações Internacionais**. Disponível em: <<https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/relacoes-internacionais/foruns-internacionais-1/cds>>. Acesso em 26 mar 2020.

_____. Ministério das Relações Exteriores. **República Argentina**. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4785&Itemid=478&cod_pais=ARG&tipo=ficha_pais&lang=pt-BR>. Acesso em 24 mar 2020.

CARPENTER, Ted Galen (2013). Tangled Web: The Syrian Civil War and Its Implications. Duke University Press, Mediterranean Quarterly, 2013. Disponível em <http://mq.dukejournals.org/content/24/1/1.full.pdf>. Acesso em 11 nov. 2017.

CARMO, Marcia. **Onda conservadora na América do Sul passa por 'teste' em eleições no Equador.** *BBC Brasil*. 2 de abril de 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39459751>>

COMMINS, David. **The Wahhabi Mission and Saudi Arabia.** Londres e Nova Iorque: I.B. Tauris, 2006.

COMMINS, David. **The Gulf States: A Modern History.** Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2012.

COTTEY, Andrew; FOSTER, Anthony. **Reshaping defense diplomacy: new roles for military cooperation and assistance.** Adelphy Papers n. 365. Oxford: Oxford University Press, 2004.

COUTAU-BÉRGARIE, Hervé. **Les Meilleurs des Ambassadeurs. Théorie et Pratique de la Diplomatie Navale.** Paris: Economica, 2010.

DYKSTRA, Tiffany A. (2016). **Assemblages of Syrian suffering:** Rhetorical formations of refugees in Western media. *Language, Discourse & Society*, vol. 4, no. 1(7), 2016.

DARWICH, May. The Ontological (In)security of Similarity: Wahhabism versus Islamism in Saudi Foreign Policy. **Giga Working Papers**, Hamburgo, v. 263, p.1-26, dez. 2014.

DARWICH, May. Ideational and Material Forces in Threat Perception: The Divergent Cases of Syria and Saudi Arabia During the Iran–Iraq War (1980–1988). **Journal of Global Security Studies**, Oxford, v. 2, n. 1, p.142-156, dez. 2016.

Departamento de Pesquisa e Pós-graduação (Exército). **Manual de Elaboração de Projetos de Pesquisa na ECEME.** Rio de Janeiro: ECEME, 2012.

DIAS, Guilherme. Palestra **O Brasil e o Mundo: Política Externa Brasileira, bases e práticas.** Curso de Comando e Estado-Maior, 1º Ano, 12 fev. 2020.

DIAS, Reinaldo. **Relações Internacionais: Introdução ao Estudo da Sociedade Internacional Global.** Editora Atlas, 2010.

DINIZ, Pedro; MACIEL, Heitor Cardoso e. **Os desafios à Onda Rosa na segunda metade da década de 2010: uma análise do cenário político sul-americano.** Blog Conjuntura Internacional, 28 mar. 2016. Disponível em: <<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2016/03/28/os-desafios-a-onda-rosa-na-segunda-metade-da-decada-de-2010-uma-analise-do-cenario-politico-sul-americano/>>

EU (European Union) (2016a). **EU-Turkey statement, 18 March 2016**. Press Release. European Council, 18 mar 2016. Disponível em <http://www.consilium.europa.eu/en/press/pressreleases/2016/03/18/eu-turkey-statement/>. Acesso em 15 nov 2017.

FILHO, O. M., LIMA, R. C., **Desafios da estratégia militar para o Brasil**. Brasília, 1 nov. 2018. Eblog. Disponível em <http://eblog.eb.mil.br/index.php/menu-easyblog/transformacao-militar.html>. Acesso em 27 fev. 2020.

FUCCILLE, Luís Alexandre. **A criação do Ministério da Defesa no Brasil: inovação e continuidade**. Center for Hemispheric Defense Studies, REDES, Brasília, 2002.

GEORGE, Jim. **Discourses of Global Politics: A Critical (Re)Introduction to International Relations**. Nova Iorque: Lynne Rienner Publishers, 1994.

HAVLOVÁ, Radka (2015). **The European Union and the Crisis in Syria**. SOUČASNÁEVROPA, Volume 20, 2ª edição. Disponível em <https://www.vse.cz/polek/download.php?jnl=se&pdf=123.pdf>. Acesso em 12 nov. 2017.

HRW (Human Rights Watch) (2017a). **Syria: Events of 2016**. World Report 2017. Disponível em <https://www.hrw.org/world-report/2017/country-chapters/syria#634b1d>. Acesso em 13 nov. 2017.

HRW (Human Rights Watch) (2017b). **Turkey: Events of 2016**. World Report 2017. Disponível em <https://www.hrw.org/world-report/2017/country-chapters/turkey>. Acesso em 13 nov. 2017.

HRW (Human Rights Watch) (2016). **Turkey: Border Guards Kill and Injure Asylum Seekers**. Disponível em <https://www.hrw.org/news/2016/05/10/turkey-border-guards-kill-and-injure-asylum-seekers>. Acesso em 13 nov 2017

HRW (Human Rights Watch) (2015). **Turkey: Syrians Pushed Back at the Border**. Disponível em <https://www.hrw.org/news/2015/11/23/turkey-syrians-pushed-back-border>. Acesso em 23 nov 2017.

HRW (Human Rights Watch) (2010). **A Wasted Decade: Human Rights in Syria during Bashar al-Asad's First Ten Years in Power.** Disponível em <https://www.hrw.org/sites/default/files/reports/syria0710webwcover.pdf>. Acesso em 11 nov. 2017.

HURRELL, Andrew. **An emerging security community in South America?**, In: ADLER, Emanuel; BARNETT, Michael. Security Communities. Nova York: Cambridge University Press, 1998.

ISMAIL, Salwa. Being Muslim: Islam, Islamism and Identity Politics. **Government And Opposition**, [s.l.], v. 39, n. 4, p.614-631, set. 2004.

JENKINS, Brian Michael (2014). **The Dynamics of Syria's Civil War.** Santa Monica, CA:RAND Corporation, 2014. Disponível em <https://www.rand.org/pubs/perspectives/PE115.html>. Acesso em 11 nov. 2017.

KARAVELI, Halil (2012). **Why Does Turkey Want Regime Change in Syria?** The NationalInterest, 23 jul 2012. Disponível em <http://nationalinterest.org/commentary/why-does-turkeywant-regime-change-syria-7227>. Acesso em 13 nov. 2017

LANDIM, Hiarley G. C. **A diplomacia militar do Exército Brasileiro e o ambiente de segurança e defesa na América do Sul.** Tese (Doutorado) - Escola de Comando e EstadoMaior do Exército, Rio de Janeiro, 2014.

LE MOS, João Paulo Franco Portella, SILVA, André Vinícius da, BRAZ, Evandro Pereira, RIBEIRO, Eduardo, SANTOS, Vinícius Ferreira. **Política Externa e**

PACHECO, F. C., & Migon, E. X. F. G. (2013). **O Brasil na MINUSTAH influenciando o Brasil no cone sul: evidências preliminares da contribuição da diplomacia militar à inserção soberana.** Coleção Meira Mattos: Revista Das Ciências Militares, 7(29), 131-137. Recuperado de <http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/article/view/181>

Política de Defesa dos Governos Dilma e Temer. Academia Militar das Agulhas Negras, Rio de Janeiro, 2019.

LIMA, Maria. SOARES, Regina. **Relações Interamericanas: A Nova Agenda SulAmericana e o Brasil.** Lua Nova, São Paulo, 90: p.167-201, 2013.

MAFRA, Roberto Machado de Oliveira. **Geopolítica: Introdução ao Estudo.** São Paulo: Ed. Sicurezza, 2006.

MILANI, Carlos R. S. **Atlas da política externa brasileira**. Rio de Janeiro, RJ: EDUERJ, 2014.

MUTHANNA, Colonel KA. **Enabling Military-to-Military Cooperation as a Foreign Policy Tool: Options for Índia**. United Service Institution of Índia Centre for Research. New Delhi: Knowledge World, 2006.

MORAES, Rodrigo Fracalossi De. **A cooperação Brasil-Argentina na área militar: da autonomia das Forças Armadas às relações estratégicas (1978-2009)**. Dissertação de Mestrado (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Porto Alegre, RS. 2010.

NASCIMENTO, T. E. do. (2015). **A constituição de forças de paz combinadas por nações da América do Sul: um compromisso com a paz e a segurança internacional**. Coleção Meira Mattos: Revista Das Ciências Militares, 8(33), 205-212. Recuperado de <http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/article/view/494>

OLIVEIRA, Odete Maria de. **A integração nuclear Brasil-Argentina: uma estratégia compartilhada**. Florianópolis: UFSC, 1996.

ONU, Assembleia Geral das Nações Unidas (1997). **Relatório A/RES/52/132**. 12 dez 1997. Disponível em <http://www.un.org/ga/documents/gares52/res52132.htm>. Acesso em 28 out 2017.

ÖZDEN, Şenay (2013). **Syrian Refugees in Turkey**. MPC Research Reports 2013/05, Robert Schuman Centre for Advanced Studies, San Domenico di Fiesole (FI): European University Institute, 2013. Disponível em: <http://cadmus.eui.eu/handle/1814/29455>. Acesso em 12 nov.2017.

PICCOLLI, Larlecianne, MACHADO, Lauren, MONTEIRO, Valeska F. (2016). **A Guerra Híbrida e o Papel da Rússia no Conflito Sírio**. Revista Brasileira de Estudos de Defesa, volume3, nº 1, jan./jun. 2016, pp. 189-203. Disponível em <https://rbed.abedef.org/rbed/article/view/63960/37927>. Acesso em 12 nov 2017

POMAR, Valter, Secretaria de Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores (2013). **Declaração Final dos Encontros do Foro de São Paulo (1990-2012)** (PDF). [S.l.: s.n.] 180 páginas. Consultado em 23 de maio de 2020.

PLESSIS, du Anton. **Defense Diplomacy: Conceptual and Practical Dimensions with Specific Reference to South Africa**. Strategic Review for Southern Africa. Nov, 2008.

ROCHA, M. S. **Desenvolvimento como integração. O Brasil e a América do Sul: desafios no século XXI**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2006.

SADER, Emir (2009). **A Nova Toupeira: os caminhos da esquerda latino-americana**. São Paulo: Boitempo.

SCHWARZ, Roberto; **Cultura e Política, 1964-1969**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. (Coleção Leitura)

SCRUTON, Roger; **O que é conservadorismo**. Rio de Janeiro: Ed. Realizações, 2015. (Coleção abertura cultural)

SENHORAS, Eloi Martins. **Paradiplomacia militar e seu impacto cooperativo na regionalização da segurança na América do Sul**. Disponível em: <<http://www.mundorama.net/2012/07/30/paradiplomacia-militar-e-seu-impactocooperativona-regionalizacao-da-seguranca-na-america-do-sul-por-eloi-martins-senhoras/>>. Acesso em: 24 de março de 2020.

SEQUEIRA, Claudio Dantas. **Brasil busca alinhamento militar na América do Sul**. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 Mar. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u538652.shtml>>. Acesso em: 23 de maio de 2020.

SILVA, Antonio Ruy de Almeida. **A Diplomacia de Defesa na Sociedade Internacional**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SIMIELLI, Maria Elena. **Geoatlas**. 33. ed. São Paulo: Ática S.A., 2010.

SIMÕES, Renata Moraes. **Cadernos Argentina-Brasil**. Revista Neiba, Rio de Janeiro, Vol. 8, 2019.

SINGH, Prashant Kumar. **China's Military Diplomacy**. Strategic Analysis. Vol. 35, No. 5, September 2011, 793-818, Institute for Defense Studies and Analyses. New Delhi, 2011.

SOARES, Samuel Alves; MILANI, Lívia Peres. **Kirchnerismo e Lulismo na construção de uma identidade em Defesa e Segurança Internacional entre Argentina e Brasil**. Revista *Relaciones Internacionales*, Edição nº 50/2016.

SOUZA FILHO, José Abinoan. **Conselho de Defesa Sulamericano: novos arranjos em Segurança e Defesa na América do Sul**. Tese (Doutorado) – Escola de Comando e Estado Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2011.

UNASUL (União de Nações Sul-Americanas). **Decisão para o estabelecimento do Conselho de Defesa Sul-americano**. Cúpula Extraordinária da UNASUL. Costa do Sauípe, Bahia, 16 dezembro 2008.

VERDÉLIO, A. (2019). **Brasil formaliza saída da UNASUL para integrar PROSUL**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-04/brasil-formalizasaida-da-unasul-para-integrar-prosul> (Acesso em 14 de junho de 2020).

WEBER Orellana, C. L., Ravaioli, E. A., & Marques, A. A. (2012). **As comunidades de defesa como ferramentas de legitimidade dos livros brancos da defesa**. Coleção Meira Mattos: Revista Das Ciências Militares, (26). Recuperado de <http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/article/view/186>

WILLARD, James E. **Military Diplomacy: An Essencial Tool of Foreign Policy at the Theater Strategic Level**. Monograph – School of Advanced Military Studies, United States Command and General Staff College, Kansas, 2006.